

Junho de 2017

clonline.org

“Nunca vimos
coisa igual!”

(Mc 2,12)

Tríduo Pascal

dos Colegiais

Rímni, 13-15 de abril de 2017

Mensagem de conclusão, Julián Carrón

15 de abril de 2017

Caríssimos amigos,

penso em cada um de vocês dominado pelo desejo de crescer.

Crescer quer dizer tomar nas mãos as rédeas da própria vida.

Mas isto nem sempre é simples. Às vezes, de fato, dá vontade de voltar atrás.

Era mais cômodo, menos trabalhoso, quando eram os outros que tratavam de enfrentar os problemas por nós. E muitas vezes volta a pergunta: mas eu realmente quero crescer, ou prefiro continuar criança?

Favorecer o desejo de crescer exige um amor, uma paixão por nós mesmos.

Viver à altura do nosso desejo é um empenho.

E é só para os audazes, como lhes digo muitas vezes; é para quem quer ser protagonista em primeira pessoa, sem descarregar sua própria liberdade sobre os outros.

Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que pode alcançar a minha vida.

Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é “um ponto de chegada possível somente para quem leva a sério a vida”, sem excluir nada: “amor, estudo, política, dinheiro, até a comida e o repouso, sem nada esquecer – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência”.

A razão desta audácia é a firme certeza de Dom Giussani de que “dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino” (*O senso religioso*, p. 62-63).

Como é arrepiante acordar a cada manhã com a curiosidade de descobrir como é que cada gesto pode se revelar um passo para o destino, em cada desafio por enfrentar!

Só podemos fazê-lo graças à certeza de termos um companheiro de caminho como Jesus. “Eis que estou convosco, todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Com Sua companhia podemos ousar enfrentar qualquer desafio, como nos testemunha alguém que não teve medo de crescer, o Papa Francisco: “Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a atmosfera do sepulcro; ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n’Ele, da ressurreição do coração, o caminho do ‘Levanta-te! Levanta-te, sai!’. Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer” (*Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017).

Boa Páscoa!

Seu amigo Julián

Introdução, Pigi Banna

13 de abril, quinta-feira, noite

“Quanto é preciso que este eu humano seja grande, meu amigo”

(Ch. Péguy)

“Nunca vimos coisa igual!”. Como desejamos poder dizer isto ao final destes dias. Mas temos um desejo ainda maior: que já amanhã, olhando-nos no espelho, assim como daqui a cinquenta anos olhando a nossa vida inteira, possamos dizer: “Nunca vimos coisa igual!”. Uma vida, única, especial, grande.

Uma jovem da idade de vocês, Maria, tinha o mesmo desejo. Desde que recebeu o anúncio do anjo, quando disse: “Faça-se em mim segundo a vossa palavra”¹, não houve um dia em que não tenha repetido: “Nunca vi coisa igual!”. Nós também temos o mesmo desejo nestes dias. Basta pedir que tenhamos a simples disponibilidade daquela jovem, e Deus fará o resto na nossa vida, pois “para Ele nada é impossível”.²

Rezemos o *Angelus*.³

Angelus

“ATÉ O AMIGO EM QUE EU CONFIAVA LEVANTA CONTRA MIM SEU CALCANHAR” (SI 41,10)

Sejam todos bem-vindos! Bem-vindos mesmo, e não digo por uma formalidade! Bem-vindos, porque os esperávamos aqui, num lugar onde finalmente podemos não nos sentir escravos do juízo dos outros, dos que se dizem “amigos” sem o ser realmente; num lugar onde não precisamos ficar à mercê das notas que tiramos ou das pretensões dos adultos. Aqui podemos finalmente ser livres dessas escravidões – aqui somos acolhidos pelo que somos –, que nos deixam sempre mais inseguros e sozinhos.

Mas temos certeza de que conseguimos? Temos mesmo certeza de que, no fim, a vida não é um engano? Vocês realmente têm certeza de que não os estou enganando? Como escreve dramaticamente uma de vocês: “Como é possível dar a outra face a um pai que está ausente na sua vida? Como posso viver daquele amor que vi, mas que continuamente fica sepultado pelo ódio e pela insegurança?”.

A pergunta da nossa amiga é dramática e radical, como tantas das perguntas que vocês nos mandaram antes deste Tríduo. A questão é esta: temos certeza, no fundo, de que a vida nos espera – como canta Mannioa (*Che sia benedetta*) – quando vemos nossos pais abandonar-nos para construir o futuro deles, adultos cada vez mais cínicos e com poucas esperanças a respeito dos nossos desejos, ou então amizades e amores que prometem muito, muito e muito, mas de repente nos fazem afundar na terra, para cima e para baixo ao longo da montanha russa das emoções? Temos mesmo certeza de que não nos iludimos quando dizemos que a nossa vida é especial, que podemos dizer da nossa vida: “Nunca vimos coisa igual!”? Ou não é verdade, então, como escreveu um de vocês – ler isto encheu-me enormemente de ternura –, que a nossa

¹ Cf. Lc 1,38.

² Cf. Lc 1,37.

³ Orações, cantos e a maior parte dos trechos citados estão presentes no livreto distribuído durante o Tríduo Pascal de GS (Rimini 13-15 de abril de 2017): “*Nunca vimos coisa igual!*”, [disponível em formato PDF no site de CL](#) (em italiano).

vida é como um pneu sobressalente que às vezes poderá ser usado por alguém, desfrutado por alguém e depois abandonado?

É isto, como diz Dom Giussani, o que “caracteriza o homem hoje: a dúvida sobre a existência, o medo do existir, a fragilidade do viver, a inconsistência de si mesmo, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre ele e o ideal”.⁴

Por essa escravidão à opinião dos outros (amigos, pais, professores), diante de uma nota baixa, diante de uma prova, diante da mensagem inesperada de um amigo, como disse uma de vocês numa poesia sua, “somos frágeis / ao sabor de eventos incontrolláveis”.⁵ Tudo, menos liberdade perante o juízo dos outros! Aliás, talvez o que caracteriza o nosso tempo seja justamente essa falta de ternura para com nós mesmos, arrastados de um lado para outro pelas pretensões de todos, pelas expectativas de todos, com a preocupação de não decepcionar ninguém. Mas, no fim das contas, ainda queremos um mínimo de bem para nós?

Parece que quem deve arcar com as consequências de todas essas pretensões seja o coitado do nosso eu. Gaber descreve isto de modo irônico, simpático, mas também trágico, na canção *L'odore*.⁶ Acha que realizou o seu sonho, vai com a sua namorada às margens de um lago; cria uma cena romântica, que talvez esperasse havia já muito tempo. Mas, num certo momento, sente um fedor horrível: deve ser o lugar. Então toma coragem, quebra o momento romântico e muda-se para outro lugar. Leva algum tempo para recriar a atmosfera com a namorada. E de novo o fedor! É ela quem fede! E então tenta não dar importância, beija-a para tapar seu nariz. Mas não há nada a fazer, e assim tem de renunciar àquele sonho. Volta para casa resignado, fecha a porta atrás de si e solta um suspiro de alívio. Mas ainda sente aquele fedor. Está nele todo! É ele quem fede! E não consegue tirá-lo de si. É esta a coisa terrível do nosso tempo: achar que nós somos errados, não que os outros pretendam demais de nós e não nos entendam, mas que nós é que somos inadequados, sem experimentar um mínimo de ternura para com nós mesmos. Na página 5 do livreto, Dom Giussani diz: se esmagassem o nosso dedão do pé no ônibus, imediatamente poderíamos gritar, brigar com aquela pessoa; mas, se nos dizem que não estamos bem, que não estamos bem vestidos, que dissemos algo errado, sentimo-nos morrer por dentro.

Pensar que a nossa humanidade seja irremediavelmente errada, sempre inadequada, nunca à altura da pretensão dos outros, é a grande desumanidade do nosso tempo: “Fazer desaparecer o eu”, como diz Dom Giussani.⁷ Quando nos dizem que somos errados, nunca gritamos! Ficamos como naqueles pesadelos em que o medo nos assalta e gostaríamos de gritar, mas falta-nos o fôlego, a voz não sai. É a maior traição que poderíamos sofrer. Esta, com efeito, é a maior desumanidade do nosso tempo: não tanto não conseguir, mas o fato de estarmos diante de alguém que nos diz: “Você não é capaz”.

Então vem a tentação, como escreveu um de vocês, de renunciar a desejos grandes demais, ao buscar o “Nunca vimos coisa igual!”, porque fazer perguntas grandes demais, ter desejos grandes demais nos decepciona depois, e apenas nos faz sofrer. Assim nos deixamos devorar pela apatia da vida cotidiana.

⁴ L. Giussani, In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, Colegiais – Tríduo Pascal de 2017, p. 4.

⁵ Ibidem, p. 6.

⁶ Ibidem, p. 5.

⁷ Ibidem, p. 5.

Essa grande insegurança, esse grande medo de sermos simplesmente nós mesmos, vem do fato de perceber – como escreveu Hillesum – que “ninguém te será grato por essa luta, ou, melhor ainda, a quem importará?”⁸ De fato, que a vida seja um engano pode ser ainda uma coisa teórica, como dizia uma querida amiga minha de Roma, porque ainda podemos falar disso; mas, quando percebemos que não só o pai, não só o professor – que podemos deixar passar –, não só a namorada – porque encontram-se outras –, mas até o amigo em que confiávamos nos trai, ou seja, pensa que eu sou errado, que todo o meu eu, assim como é, o incomoda (e então é melhor não dizer certas coisas, não tocar em certos assuntos, nem sequer pronunciar algumas frases), então experimentamos a maior dor que um homem pode experimentar: a traição de um amigo.

Pensem que esta noite lembraremos o momento em que Jesus percebeu que um dos doze que mais tinha amado no mundo, Judas, um daquelas a quem tinha dado tudo, estava para traí-lo. Para Judas, a presença de Jesus já não era fascinante, amável, mas tinha passado a incomodá-lo. Jesus percebe que, para aquele amigo, é melhor que Ele morra.

Escutemos o relato do momento em que Jesus se dá conta da traição de Judas, como foi descrito pelas palavras do evangelista João. E pensemos em todas as vezes em que também nós nos sentimos traídos, nos descobrimos sem rosto, por estarmos sem amigos; em todas as vezes em que sentimos desaparecer o nosso eu, em que não tivemos nada de ternura para com nós mesmos por nos sentirmos traídos.

“Jesus ficou interiormente perturbado e testemunhou: ‘Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará’. Desconcertados, os discípulos olhavam uns para os outros, pois não sabiam de quem estava falando. Bem ao lado de Jesus, estava reclinado um dos seus discípulos, aquele que Jesus mais amava. Simão Pedro acenou para que perguntasse de quem ele estava falando. O discípulo, então, recostando-se sobre o peito de Jesus, perguntou: ‘Senhor, quem é?’ Jesus respondeu: ‘É aquele a quem eu der um bocado passado no molho’. Então, Jesus molhou um bocado e deu a Judas, filho de Simão Iscariotes. Depois do bocado, Satanás entrou em Judas. Jesus, então, lhe disse: ‘O que tens a fazer, faze logo’”⁹

Quando nos sentimos traídos por um amigo, sentimos um abismo que cava dentro de nós e descobrimo-nos sem um rosto. Vamos escutar o canto.

O meu rosto

“NÃO SE PERTURBE O VOSSO CORAÇÃO” (Jo 14,1)

“E só quando percebo que Tu és, / como um eco eu ouço a minha voz”.¹⁰ Então é possível não sucumbir à traição, à desilusão, e voltar a experimentar uma migalha de ternura por nós mesmos! Não adianta um esforço nosso, um curso de autoestima ou uma melhora nossa, mas dar-nos conta de que há alguém neste mundo – basta um! – que não pretende que eu seja um super-herói e que depois, no primeiro erro que cometo, me descarta e me deixa de fora. Basta-me uma pessoa que me olhe pelo que sou, alguém que eu

⁸ Ibidem.

⁹ Jo 13,21-27.

¹⁰ A. Mascagni, “O meu rosto”. In : “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 6.

possa encontrar, tocar, beijar. Como dizem os Chainsmokers no trecho: “Não estou procurando alguém / com superpoderes, um super-herói, / um conto de fadas, / mas algo a que eu possa recorrer, alguém que eu possa beijar”.¹¹

Uma de vocês descreve isto com extrema lucidez: “Por enquanto eu quero: um novo telefone, uma guitarra, uma tatuagem, um piercing, dinheiro, droga, dois furos também na orelha direita e encontrar os meus ídolos. E quando eu tiver tudo isso? Vou reclamar porque o celular novo fica velho, a guitarra não é perfeita porque não sei tocar perfeitamente, a tatuagem é pequena e quero outra, o dinheiro acabou e quero mais, a droga custa muito e não tenho dinheiro e ela acabou, vou querer também um terceiro furo na esquerda [que orelhas!] e depois na direita; e aí [atenção, esta parte é espetacular!], depois que tiver encontrado só uma vez os meus ídolos, eles se terão esquecido de mim. O que eu quero? Eu... eu... eu quero que... que... quero que me queiram bem, quero ser olhada, quero ser amada”.

Só quando me dou conta de que há alguém que não é como os ídolos – que me lançam para cima, me fazem consumir tanto de mim e depois me derrubam –, mas que me ama assim como sou, é que eu renasço. Benquisto, amado, olhado pelo que sou, sem ser esquecido. Só o encontro com um amigo que não trai, que nos diz: “Não se perturbe o vosso coração”, é que permite recomeçar.

Como aconteceu àquela mulher: havia doze anos que estava com uma doença que lhe causava contínuas perdas de sangue; não tinha gastado seu dinheiro com tatuagens, furos na orelha, guitarras (até porque vivia em outra época), mas tinha gastado todo o seu dinheiro com médicos e nenhum a tinha curado. Pensem, depois de doze anos, na sensação de fracasso, de traição que sentia em si. Sentia-se traída: não apenas pelos médicos, mas sobretudo pela vida. Ademais, para a cidade em que vivia, aquele tipo de doença era uma espécie de maldição divina, e por isso devia ficar longe da cidade e não podia tocar ninguém para não contaminar; enfim, era excluída, recusada. Traída pela vida, pelos seus amigos, pelo seu povo e pelo seu próprio Deus.¹² Precisamente numa entrevista desta manhã, o Papa Francisco falou dessa mulher e disse que era uma excluída, descartada pela sociedade.

Até que essa mulher – que poderia ser qualquer um de nós – vem a saber que na sua cidade chegou um homem capaz de curar todas as doenças, que não se escandaliza com nenhum mal. Este homem é Jesus. E o que acontece? Que a mulher desafia todas as proibições: a proibição de entrar na cidade, a proibição de não tocar ninguém. Não lhe importa nada do julgamento dos outros. Tem apenas um desejo pensando naquele homem: ser curada. E pensa: “Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada!”.¹³ Pensem em como a presença daquele homem fez ir para os ares todas as traições e fez explodir o desejo daquela mulher: “Se eu conseguir tocar na roupa dele...”, se você conseguir contaminá-lo! Arrisca tudo por tudo, indo tocar o mais puro de todos, Jesus, arriscando a morte. O seu desejo fica totalmente despertado pela figura de Jesus.

E assim, quando encontramos alguém que não se escandaliza conosco, quando encontramos alguém que nos diz: “Não se perturbe o vosso coração”,¹⁴ quando deparamos com alguém que não pretende nada de nós

¹¹ Chainsmokers feat. Coldplay, “Something just like this”, in “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 8.

¹² Cf. “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 7.

¹³ Mc 5,28.

¹⁴ Jo 14,1.

e que não nos trai, mas desperta todos os nossos desejos, renasce aquela “febre de vida”, como a chama Lucrécio, que vemos em nós, aquela “febre de vida tão profunda e maldita, que nos agita e nos leva a passar por entre os perigos e as incertezas”.¹⁵ E dá vontade de gritar: “Ajuda-me!”, “Cura-me!”, “Quero estar contigo!”.

Vocês são realmente bem-vindos aqui esta noite, porque estamos num lugar onde podemos gritar “Ajuda-me!” sem ter medo de “contaminar” os outros aqui presentes. É esse desejo de sermos curados que nos faz gritar: “Ajuda-me!”, a verdadeira natureza de nós mesmos. E finalmente não nos sentimos apenas um entre os demais, finalmente renasce o desejo de sermos especiais, de sairmos da massa do anonimato, como escreve o pensador polaco Heschel: mesmo se “aos olhos do mundo... eu sou uma média estatística, para o meu coração eu não o sou”.¹⁶ Esse coração está em cada um de nós, esse coração existe – existe! – e quer gritar: “Ajuda-me!”. Sem medo de nós mesmos, com uma ternura renovada pela nossa humanidade, tentemos trazer para fora novamente o nosso coração, escutando as palavras da música de Gaber *Il desiderio* [O desejo].

Il desiderio

“NÃO FOSTES VÓS QUE ME ESCOLHESTES; FUI EU QUE VOS ESCOLHI” (Jo 15,16)

Como aquela mulher doente, temos dentro de nós o motor que move o mundo, que nos salva do tédio, que impede a nossa vida de se reduzir a uma lista de coisas para fazer, fazendo dela algo nunca visto antes. Por isso todos nós somos bem-vindos esta noite, porque temos à disposição três dias em que podemos livremente expressar todo o nosso desejo, sem ter medo dos julgamentos de ninguém e, como aquela mulher, podemos gritar: “Ajuda-me!”.

Entre vocês nem todos são católicos, há pessoas de outras religiões, há até pessoas que não creem, mas, como me escreveram nas contribuições, todos vocês estão aqui porque deram um mínimo de crédito a esse desejo de encontrar algo que valha para a vida.

Esta era e é a força de Cristo: extrair dos escombros das decepções e das traições todo o desejo do homem, despertá-lo! Assim Jesus – esta é a coisa realmente impressionante – não se contenta em curar aquela mulher, mas a procura no meio da multidão, quer encontrá-la. E ela fica intimidada, porque pensa que ele vai denunciá-la perante todos. Todos vão descobrir o mal que fez, o erro que cometeu ao tocá-lo. No entanto, Cristo a chama justamente para lhe dizer que o seu desejo era grande, o seu desejo era justo. Por isso lhe diz: “Filha, a tua fé te salvou”. Como diz a frase de Péguy que vocês encontram no livreto, é como se lhe tivesse dito: “Mulher, *o teu eu humano é tão grande, é tão grande que perturbou o mundo do infinito. Um Deus, minha amiga, perturbou-se, sacrificou-se por ti!*”.¹⁷ A traição, a derrota, o julgamento, a impotência, a decepção não importam; todas estas coisas desaparecem ante aquele olhar. Cristo dá a vida para arrancar dos destroços das traições e das decepções o desejo daquela mulher e de cada homem: “Não foste tu que erraste

¹⁵ “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 8.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, p. 10.

ao me procurar, não foste tu que me estavas buscando, sou eu quem te estava esperando”. “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi”!¹⁸ É o que eu queria dizer-lhes, como disse o Papa na entrevista desta manhã: “Coragem, vem! Já não estás descartado, já não estás descartada: eu te perdoo, eu te abraço”,¹⁹ o teu desejo é grande.

Como conta um amigo nosso que está preso, num livro que aconselho que todos leiam, até porque tem muitas imagens e pouco texto, um livro que recolhe as tatuagens dos detentos com temas religiosos. Massimiliano conta que tinha tatuado num braço esta frase: “Melhor senhor do inferno do que escravo do paraíso”. Melhor ser senhor naquele inferno que era a sua vida, do que ser escravo de todos os falsos paraísos que lhe tinham prometido e que o tinha levado à cadeia, como também nos dizia a nossa amiga citada agora há pouco. O problema é que depois foi parar na prisão e se deu conta de que não era senhor, nem mesmo naquele inferno que era a sua vida. Com efeito, como vocês podem ler na página 11, um dia Massimiliano conta a um detento mais novo que o parou: “Sou o assassino dos meus irmãos, mas a minha condenação não é a prisão perpétua, a minha condenação é tornar-me consciente... Depois, quando tomar consciência, olhe de frente para Deus e verá que Ele o ama como no primeiro dia”.²⁰ Assim, depois que também ele, como aquela mulher, se descobriu amado como no primeiro dia, mudou a tatuagem: “Melhor senhor do paraíso do que escravo do inferno”. Porque é bom demais ficar com quem liberta o nosso desejo, em vez de ir atrás desses infernos.

Assim aconteceu também com um amigo nosso, que não foi vencido pelo desgosto por si nem pela tradição, graças a um olhar de amor que o esperava: “Pouco tempo atrás houve um período de um mês em que fiquei muito mal: tinha começado a fazer mal a mim mesmo, estava sempre para baixo: toda essa tristeza vinha do fato de eu, às escondidas dos meus pais adotivos, ter encontrado a minha mãe e ter brigado com ela. Ela tinha-me dito muitas coisas muito pesadas: que meu pai não era meu pai, mas o meu padrasto, que eu tinha nascido de uma violência e que ela gostaria de ter abortado. Eu fiquei realmente chocado e não conseguia fazer mais nada, mas depois consegui sair dessa graças à missa em memória de Dom Giussani, quando, durante uma leitura, me marcaram as palavras em que Deus diz: ‘Mesmo que alguma mulher se esqueça do próprio filho, eu de ti jamais me esquecerei’ (cf. Is 49,15). Naquele momento, senti-me chamado, diretamente, como se Deus me tivesse dito que Ele existia, que Ele me amava, que estava comigo bem naquela situação. Saí da missa dizendo dentro de mim algo impensável: ‘Seja louvado Jesus Cristo por eu ter nascido de uma violência’, como que para agradecer a Jesus por tudo o que me aconteceu, porque graças a isto descobri o que é realmente o amor de Deus”.

Também cada um de nós gostaria – bem como aquela mulher, o detento, o nosso amigo –, diante da nossa traição, diante da sensação de abandono e de traição que experimentamos, de ser alcançado pelo olhar de Jesus, o mesmo da sua última noite de vida nesta terra. Diante da traição de Judas, assim como diante de todas as traições da vida, Cristo entende que só pode fazer uma coisa: dar a vida por ele, dar a vida para que possa renascer até o desejo de Judas, dar a vida para que o desejo de cada um de nós possa renascer.

¹⁸ Jo 15,16.

¹⁹ Francisco, “Il Papa degli ultimi”, entrevista de P. Rodari, *la Repubblica*, 13 de abril de 2017.

²⁰ “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 11.

Cristo continua a olhar para cada um de nós como olhou para aquela mulher doente, como foram olhados os detentos (“Ele o ama como no primeiro dia”) e o nosso amigo, e nos diz: “Você não nasceu para o erro, eu o escolhi, preferi e dou a vida pelo seu desejo, para que você já não seja escravo e traído pelas pretensões dos outros; para que você já não seja escravo do inferno, mas senhor do Paraíso”.

Vamos escutar o trecho do Evangelho em que Jesus fala desse seu dar a vida.

“Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu observei o que mandou meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao Pai, em meu nome, ele vos dará. O que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros”.²¹

Agora vamos celebrar a missa, o gesto que Cristo instituiu há dois mil anos neste noite, a noite antes de morrer, a fim de que todos os homens pudessem continuar a tocá-Lo como O tocou a mulher doente, como O tocou o detento Massimiliano, como O tocou o nosso amigo. Nesta missa, que é celebrada em todo o mundo, queremos relembrar de modo especial os nossos irmãos egípcios que, indo à missa domingo passado, derramaram seu sangue por causa de uma bomba colocada debaixo de um banco, assim como Cristo deu o Seu sangue e o Seu corpo por nós.

Nestes dias, para todos nós será uma luta contínua entre o prejulgamento que temos sobre nós mesmos – aquele que nos faz pensar que fracassamos na vida –, entre não gostarmos de nós mesmos, entre sermos escravos da opinião dos outros sobre nós e o desejo de que a nossa vida seja algo de grande, de nunca visto. Uma luta entre o prejulgamento e a febre de vida que vemos em nós e que nos faz gritar: “Ajuda-me!”, “Cura-me!”. Pensem na mulher que sofria de hemorragias, aquela mulher que perdia sangue: ela também viveu essa luta, teve de pôr à parte as opiniões das comadres e de todo o povo – o mesmo que tinha lido sobre a lei de Deus –, teve de vender os seus remorsos e as suas vergonhas e deixar prevalecer apenas o desejo, indo direto entre a multidão, direto para uma só meta, um só objetivo: tocá-Lo, gritar a Ele: “Ajuda-me!”.

Como se chama esse pôr à parte as opiniões dos outros e os nossos prejulgamentos para deixar prevalecer esse desejo? Como se chama essa postura – porque, antes de tudo, é uma postura –? Chama-se “silêncio”. O silêncio não é a mudez, mas é por à frente de tudo, à frente de todos os prejulgamentos e as confusões da nossa mente, este desejo, deixar prevalecer apenas este desejo. Esta é a condição – pensem nessa mulher que sofria de hemorragias esticando-se, esforçando-se para tocar Jesus, sem se distrair com o resto – que pedimos que seja respeitada fisicamente em alguns momentos destes dias. Pedimos isto para dar voz a este desejo,

²¹ Jo 15,9-17.

tantas vezes incômodo, e no entanto tão grande a ponde de “perturbar” a Deus. Mas é uma postura que devemos levar conosco até quando formos dormir, até quando estamos entre nós conversando, no almoço, na praia e quando temos tempo livre. Pedimos uma postura de silêncio para não deixar prevalecer os nossos comentários, mas este desejo único no mundo. Não estamos aqui para perder tempo, mas para tocá-Lo, para ver se há Alguém que nos pode curar. Somos realmente sortudos, porque nestes dias podemos gritar toda a nossa necessidade de sermos curados. Por isso cantamos *Cry no more*, porque estamos felizes de estar aqui, bem-vindos, porque já não há por que chorar, porque “eras escravo, e agora és filho, [...] aguarda-te uma festa toda para ti”. Em pé.

Cry no more

Palestra, Pigi Banna

14 de abril, sexta-feira, manhã

“Nunca vimos coisa igual!” (Mc 2,12)

Nesta manhã nós ficamos no hotel e viemos aqui ao salão porque esperamos que o que aconteceu àquela mulher, ao nosso amigo, possa acontecer também a nós hoje. Por isso estamos cheios de espera, e a expressão desta espera é o silêncio. Se vocês não estão aqui com esta espera, podiam ter ficado no hotel. Mas se vieram com esta espera, tentem vivê-la com a tensão do silêncio, escutando a música clássica.

Tudo o que aconteceu ontem à noite já poderia parecer uma lembrança distante, porque nesse meio tempo muitas emoções, muitos pensamentos e muitas distrações encheram a nossa cabeça. Mas qual é a nossa força? Espremer o cérebro e tentar recriar a emoção de ontem? Iludirmo-nos com algo que na verdade não existe? Não. A nossa força é que continua a acontecer diante dos nossos olhos um fato que captura novamente a nossa atenção: cinco mil pessoas, presentes aqui. Algo que acontece obstinadamente e retoma a nossa atenção. É um fato capaz de nos recolocar em pé, de nos reconquistar, de nos resgatar da confusão dos nossos pensamentos e de nos devolver a vida. Como foi para Maria: toda manhã podia perder-se nos pensamentos sobre a casa e sobre seu futuro, mas olhar para aquele filho que obstinadamente estava presente, crescia, fazia milagres, ia para a cruz e era morto – hoje fazemos memória precisamente disto –, ver aquele fato era capaz de retomá-la, de reconduzi-la àquele primeiro dia, quando o anjo lhe trouxe o anúncio, no qual seu coração tinha sido conquistado e a sua vida tinha mudado.

Peçamos que também a nós hoje, como a Maria, ocorra um fato capaz de nos despertar, que a Sua presença seja tão evidentemente poderosa a ponto de nos despertar e nos reconduzir àquele início que nos faz renascer.

Angelus

Vamos recitar as Laudes. As Laudes são a oração da Igreja. A Igreja, em meio à confusão dos nossos pensamentos, coloca em nossos lábios palavras muito profundas, muito maiores do que aquilo que eu consigo entender imediatamente. Quando rezo as Laudes, sinto-me como quando somos crianças e vamos para as montanhas com os próprios pais, colocados na mochila: não damos nem sequer um passo, porque há um outro que nos carrega, mas da mochila temos uma vista espetacular; ao passo que, se caminhássemos com os nossos pés, nos cansaríamos e, ainda pequenos, veríamos muito menos, porque ainda somos baixos. Assim as palavras dos Salmos são como a mochila em que a Igreja nos coloca para nos fazer chegar a uma profundidade de inteligência, de coração, de sensibilidade que nem de manhã, e tampouco à noite, teríamos. Rezemo-las assim, sem ter a pretensão de entender tudo – eu mesmo ainda não entendo tudo –, mas buscando aquela frase, aquela palavra que nos descreve melhor do que as palavras que nós poderíamos procurar na nossa cabeça.

As Laudes são um canto que se faz juntos, uma oração que se faz juntos, como numa família. Por isso, sem gritar pronunciamos todas as palavras com uma mesma nota. Chama-se *recto tono*, onde o problema não é que você seja afinado ou não, que você grite ou não, mas é que você ouça a voz do seu vizinho antes da sua, que a sua voz seja a do seu vizinho. Somos todos um só grito. Há uma breve pausa só depois do asterisco, é uma ajuda para nos darmos conta do que dissemos; assim que acaba o versículo do primeiro coro, começa imediatamente, sem deixar uma pausa, o segundo coro.

Laudes

Non son sincera

“FICAREIS TRISTES” (Jo 16,20)

É impressionante a verdade a que nos introduz o canto *Non son sincera*. Podemos viver, podemos procurar fazer alguma coisa de bom na vida, podemos até decidir passar as férias da Páscoa não na discoteca, mas no Tríduo dos Colegiais e, no entanto, existe uma voz no fundo de nós que nos diz que não somos sinceros. “Passa o meu tempo, não sou sincera. Amo as pessoas, não sou sincera. Vivo o presente, não sou sincera”.²² Podemos até apaixonar-nos, viver muito bem, ter tocado as estrelas, e ainda assim, aqueles erros habituais e a incoerência regressam de forma estável, mesmo diante de todas as emoções, de todos os entusiasmos que nos prenderam na vida. Dissemos até, em alguns raros momentos: “Nunca vimos coisa igual!”, mas depois parece que, ao virar a garrafa, está lá escrita a data de validade; e por isso acaba o efeito, e volta-se à habitual vida de antes.

Quase que nos vem a tentação de nunca mais dizer aquela “maldita” frase: “Nunca vimos coisa igual!”, porque mais cedo ou mais tarde o efeito acaba, desvanece-se. Escreve um de vocês: “A frase: ‘Nunca vimos coisa igual!’, eu não quero pronunciar-la. Porque sei, por experiência, que uma vez experimentada a emoção do momento, com o tempo esta posição não resiste”. Algo de semelhante escrevia a poetisa Alda Merini: “Aquilo que passou [ainda que grande] / é como se nunca tivesse existido [...] / Aquilo que já vi / já não conta para nada”.²³ Surge, então, a pergunta que tantos de vocês fizeram em suas contribuições: “Vale a pena sermos felizes, se não estamos seguros de que dura para sempre?”. Ou: “Como é que se pode ter um olhar sedento que não se apague diante da primeira dificuldade?”. Outro escreve ainda: “Assusta-me pensar que os 17 anos da minha vida tenham sido uma sucessão indistinta e irrelevante de coisas bonitas e feias; isto me mete medo. Como é que se faz para nos darmos conta de que esta beleza existe mesmo? Como é que se é capaz de procurá-la de forma eficaz? Onde é que está esta coisa que dá sentido e ordem a todas as anedóticas confusões da vida?”. Esta é a pergunta de hoje, rapaziada. Tentem pô-la à prova em suas vidas. Estamos mesmo condenados à ditadura dos sentimentos, graças à qual, passada a emoção, qualquer coisa bonita se transforma numa velha recordação?

Pensem, também os discípulos de Jesus tinham o mesmo problema: na quinta-feira à noite estavam

²² A. Mascagni, “Non son sincera”. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 27.

²³ A. Merini, “Il mio passato”. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 28.

sinceramente afeiçoados àquele homem: “Ainda que todos se escandalizem contigo, nós não!”, diz-lhe Pedro, e acrescenta: “Eu morrerei contigo”; e os outros: “Nós também!”.²⁴ Mas passadas pouquíssimas horas, são tomados pelo sono e não conseguem fazer-lhe companhia enquanto Ele atravessa o momento mais dramático da sua vida. No Horto das Oliveiras, os seus discípulos adormecem. E no momento em que Jesus é preso, fogem todos. Quanto mais morrer por Ele! Fogem e abandonam-No. Como veem, nós somos como eles. Depois da primeira emoção – que nos faz exclamar: “Nunca vimos nada assim!” –, é preciso muito pouco para tudo desmoronar.

Os sentimentos dos Apóstolos são os mesmos que os nossos: vemos, espantamo-nos, fazemos promessas, mas depois fugimos. Escutemos com atenção as palavras do Evangelho. Então, tudo tem mesmo de ter uma data de validade? Estamos condenados à ditadura dos sentimentos?

“Saíram para o monte das Oliveiras. Jesus disse aos discípulos: ‘Todos vós sucumbireis, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão’. Mas, depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galileia’. Pedro, então, disse: ‘Mesmo que todos venham a sucumbir, eu não’. Respondeu-lhe Jesus: ‘Em verdade te digo: hoje mesmo, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás’. Pedro voltou a insistir: ‘Ainda que eu tenha de morrer contigo, não te negarei’. E todos diziam a mesma coisa. [...] Ao voltar pela terceira vez, ele lhes disse: ‘Ainda dormis e descansais? Basta! Chegou a hora! Vede, o Filho do Homem está sendo entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Aquele que vai me entregar está chegando’. [...] Então, abandonando-o, todos os discípulos fugiram”.²⁵

“Abandonando-o, todos os discípulos fugiram”. Mas como? Abandonam a coisa maior, a pessoa maior que tinham encontrado na vida? Sim, sob a onda do medo, da incerteza, abandonam-No.

Parecia uma grande amizade, aquele homem parecia ser o maior amigo que alguma vez tinham encontrado, e bastou tão pouco para fazê-los fugir? Parece ter razão *A beautiful disaster*, uma canção que pode agradar mais ou menos, mas que diz uma coisa significativa: “Pego naqueles momentos de vida que vivi por engano [porque tem de se justificar tê-los vivido por engano] e transformo-os em emoções de pequeno porte”.²⁶ A ditadura das emoções de pequeno porte! O medo repentino, a angústia, a raiva, a incompreensão esmagam até as coisas mais bonitas da vida, como aconteceu com os discípulos de Jesus. Muitos de vocês contam isso nas suas contribuições. Finalmente apareceu aquela paixão que há tanto esperavam: ela é a certa e as coisas correm bem, também ela está apaixonada. Que intensidade de olhares! Que cumplicidade! “Parece que me conhece desde o berço. Nunca tinha visto uma coisa tão bonita!”. Mas uma manhã, tudo corre mal de uma só vez. Acontece de tudo: o despertador não tocou, o teu pai já saiu de casa, você tem de apanhar o carro e entrar na segunda aula, faz tudo correndo, tudo correndo! Tinha também uma chamada oral e “ela” começa a mandar mensagens: “Mas onde você está?”, “Estava à sua espera?”, “O que aconteceu?”, “Por que não veio?”. Entretanto, enquanto está no carro, você se dá conta de que talvez devesse pegar mais vezes o carro, porque está ali aquela garota querida que é tão bonita, é muito simples, não está te bombardeando com mensagens, pretendendo saber onde está, o que faz; basta um olhar e

²⁴ Cf. Mt 26,33-35.

²⁵ Mc 14,26-31.41-42.50.

²⁶ “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 29.

compreendem-se. Ao passo que responder a “ela” não é tão espontâneo, e depois “mas quem é que ela acha que é na minha vida?”. Então, pensamos que acabou. Bastam emoções de pequeno porte para esmagar até as maiores promessas. Diria Leopardi: “*Mas se um acorde dissonante fere o ouvido* [se uma emoção errada fere o ouvido], em nada / Aquele paraíso se transforma num instante”.²⁷ Aquele paraíso desvanece-se, fica esmagado. Então parece que somos obrigados a esta ditadura das emoções, a mudar de opinião a toda hora, a não nos podermos afeiçoar a nada, a sermos escravos, presas dos sentimentos. Dom Giussani pergunta-se qual é o inimigo da amizade: “O inimigo da amizade é o humor”, porque o humor é a reação imediata (tristeza, aborrecimento, raiva), “é como a flor do campo [...]: de manhã existe, e à noite já secou”.²⁸

Podemos até pensar em defender-nos com estratégias, mas também estas se revelam de curto fôlego: procuramos não nos deixar arrastar pelo vento das emoções, procuramos repetir a nós mesmos e convencer-nos de que é inútil entusiasmar-se e iludir-se, uma vez que a emoção passará, porque já as experimentamos todas e sabemos que no fim não seremos felizes! Dizemos: “Eu sou um bloco de gelo, nenhuma emoção me toca. Justamente porque sei que depois passam, não me afeiço a ninguém”. Tentamos ser cínicos, como pedras, com um eletroencefalograma plano, refratários ao que acontece. Disfruto cada relação por aquilo que me interessa, porque já experimentei tudo, já sei como vai acabar e tento ficar diante das situações como uma pedra, com um eletroencefalograma plano. “Sim, você vai ao Tríduo? Mas sabe que o fazem todos os anos? Todos chegam e exclamam: ‘Lindo, lindo!’, mas depois voltam para casa e acabou tudo. Fique calmo! Está em primeira marcha, eh! Mas quando colocar a quinta, perceberá que dirige mal”. Como escreve com grande perspicácia um de vocês: “O que é que faço com este espanto provocado por este abraço que me foi dado, se depois, amanhã de manhã, voltarei a viver a minha vida exatamente como ontem e anteontem, sem que nada tenha verdadeiramente mudado em mim?”. Isto é verdadeiramente desumano: ser cínico já aos catorze, quinze, dezesseis anos! Pensar que nada me poderá mudar, saber já como vai acabar tudo.

Mas então as emoções são para eliminar? Não! Ouçam como continua Dom Giussani: “A amizade não é contra a emoção”. Porque um homem sem emoções é um homem morto. Quem renunciaria ao espanto do início, como acontece quando nos apaixonamos? Quem renunciaria ao “pânico dulcíssimo e terno e surpreso”²⁹ que nos toma diante de alguém que nos atrai, diante de uma pessoa que finalmente nos compreende? Quem é que renunciaria? Seria verdadeiramente desumano não nos entusiasmar, não nos zangarmos, não ficarmos tristes. A realidade, pelo simples fato de acontecer, desperta um sentimento, provoca emoções que abrem o coração.

A amizade verdadeira não é contra a emoção, mas “a verdadeira amizade é contra a emoção sem razão”,³⁰ porque uma emoção sem razão te faz experimentar mil coisas, mas faz com que lhe escape o sentido, não te deixa captar o significado. Como diz Eliot: “Fazemos experiência, mas foge-nos o significado”.³¹ O que quer dizer uma emoção sem razão? Dou um exemplo banalíssimo. Vocês diriam: mas assim é demasiado simples!

²⁷ G. Leopardi, “Sopra il ritratto di una bella donna”, XXXI, v. 46-48. In: Idem, *Cara beltà...* Milano: Bur, 2010, p 96-97; itálico nosso.

²⁸ “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 28.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem, p. 29.

Porém acontece exatamente assim. Eu vou a um bosque e vejo um lindíssimo cogumelo, bonito mesmo, parece pertencer ao mundo dos Smurfs, com aquele cabelo com as pontas simétricas, depois uma mais grossa, uma menor. Lindo! Mas que belo cogumelo! Deve ser o cogumelo mais bonito do mundo. Não vejo a hora de o comer. Aliás, vou comê-lo cru. Um pouco de azeite em cima; delicioso! À minha frente está um velho cartaz que tem escrito: “Atenção: cogumelos venenosos!”. Não, mas este é bonito demais para ser venenoso! Imaginem! É tão bonito! Comoveu-me. Apanho-o. Tenho de seguir esta emoção. Apanho o cogumelo, tenho de o comer. É tão bonito que não pode não ser bom. É tão bom que... me mata! Esta é emoção que confunde o coração, que nos priva da razão. Debaixo da onda desta emoção sem razão, nós comportamo-nos mil vezes por dia assim com outros tipos de cogumelos (estamos entendidos...), mas sobretudo com as amigadas, que é a coisa mais grave: “Mas sim, é uma façanha, qual é o mal?”. Raciocine, raciocine! Você é um homem, graças a Deus. Quando seguimos as nossas emoções sem razão – sabem-no bem –, sucede aquilo que dizíamos ontem à noite: somos tramados por nós mesmos, e nem sequer podemos culpar ninguém. Como diz o canto que vamos cantar agora, encontramos na mão apenas “terra queimada”, tendo esmagado também as experiências mais bonitas. Como aconteceu também com os discípulos: terra queimada, nomes sem um porquê. O que é que tinham feito daquela relação com Jesus? “Fica só a lembrança de um dia perdido / e certamente a espera de ti”. Cantemos juntos *La guerra*.

La guerra

“SINTO AGORA GRANDE ANGÚSTIA” (Jo 12,27)

Também Jesus, naquela noite, sentia tristeza, medo, angústia: os mesmos sentimentos dos seus discípulos. Diz: “Sinto agora grande angústia!”. Mas ele, ao contrário dos seus discípulos, não fugiu, fustigado pela vaga destes sentimentos; ficou como um bloco de gelo, com um grande autocontrole, impassível perante a sua morte iminente. Reconheceu e viveu com razões profundas os seus sentimentos de homem. O medo e a angústia abriram o seu coração de homem e não ficou bloqueado pela ditadura dos sentimentos.

Não fugiu. Por quê? Antes de mais, porque Ele, o maior de todos – o Mestre – não teve medo de reconhecer os seus sentimentos, a sua tristeza infinita. Por isso, *a primeira condição* para não nos deixarmos escravizar pelos sentimentos é reconhecê-los, acolhê-los: são a coisa mais humana que tenho, são a expressão da minha humanidade; alargam o meu coração e a minha razão, escancaram toda a minha necessidade. Como é humano o meu sentimento! Quer eu esteja irritado, aborrecido, triste ou exaltado, reconheço-o, não tenho vergonha de o dizer. Isto é verdadeiramente de homem. Também o meu cão tem sentimentos. Quando me vê, percebe-se que está feliz: abana a cauda, vem ao meu encontro, salta; quando fecho a porta e não o levo comigo, faz uns olhinhos desconsolados. Eu acredito que o meu cão tem sentimentos, mas “coincide” com os seus sentimentos. O meu cão é o sentimento que experimenta; não pode dizer: “Ah, hoje estou triste, como é humano o meu sentimento!”, porque é um cão! Mas nós sim, nós podemos dizer a um amigo ou a nós mesmos: “Hoje estou triste” e assim começamos a não nos deixarmos dominar por este sentimento. Este é o primeiro passo.

Dom Giussani tinha uma profunda estima pelos sentimentos que colocam o coração do homem em movimento, não lhe permitindo reduzir-se à sua instintividade, nem a um mecanismo frio e insensível. Conta num livro seu de quando foi à festa de final de ano de uma turma que ensinava; a certa altura, os jovens começaram a dançar. Vê aquela mais gordinha que dança bem; vê aqueles corpos que habitualmente estavam quietos atrás das carteiras girarem sobre si próprios, rodarem uns com os outros. Uma dança estilo anos setenta. Conta como era bonito vê-los girar e rodar sobre si mesmos, mas a certo ponto, já no fim da noite, fá-los parar e lhes diz que, voltando para casa, como depois de todas as noites em que se vai dançar, uma sombra iria descer sobre eles, um sentimento de tristeza, uma tristeza que sobe devagarinho, que nos aperta como uma corrente e da qual só nos libertamos adormecendo; mas na manhã seguinte, ou em outros momentos do dia, aquela tristeza voltará. E conclui: “A tristeza é o sinal da grandeza do homem”.³²

O primeiro passo é, por isso, reconhecer o quão humana é esta tristeza. Dom Giussani conta um episódio que nos faz compreender toda a estima que tinha pelo sentimento humano. Como é humana esta tristeza da qual nasceu a filosofia, que distingue o homem do animal! Como é humano o nosso sentimento: a raiva, o tédio, a ansiedade, tudo, tudo o que é humano deve ser reconhecido, aceito. Seria desumano fingir que não existe, censurá-lo – como dizíamos ontem à noite – com aquela pouca ternura que tantas vezes sentimos por nós mesmos.

Procuremos identificar-nos com os pensamentos de Jesus naquela noite. Não tem medo de reconhecer e de olhar de frente para este seu sentimento. Vamos pôr-nos de pé e ouvir o que Ele diz naquela noite de profunda tristeza e angústia.

“Chegaram a uma propriedade chamada Getsêmani. Jesus disse aos discípulos: ‘Sentai-vos aqui, enquanto eu vou orar’. Levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir pavor e angústia. Jesus, então, lhes disse: ‘Sinto uma tristeza mortal! Ficai aqui e vigiai!’. Jesus foi um pouco mais adiante, caiu por terra e orava para que aquela hora, se fosse possível, passasse dele. Ele dizia: ‘Abbá! Pai! tudo é possível para ti. Afasta de mim este cálice! Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres’.”³³

Permaneçamos de pé e ouçamos o canto que repete as mesmas palavras de Jesus. *Tristis est anima mea*. “Sinto uma tristeza mortal! Ficai aqui e vigiai! Agora irão ver uma multidão que me irá rodear. Vós fugireis e eu irei imolar-me por vós. / Eis que se aproxima a hora e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores”.

Tristis est anima mea

“Vós fugireis, devido à vaga das vossas próprias emoções; eu, porém, devido a essas mesmas emoções, fico e vou imolar-me por vós”. Por que é que Cristo não foge? Porque a sua tristeza abriu o seu coração até se unir ao Único que estava à altura daquele sentimento: o seu Pai. O seu sentimento, acolhido e levado a sério, levou-o a gritar, a pedir ao Pai: “Tudo te é possível! Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres”. Por isso “a emoção não [...] é negativa”, mas “você tem de “registá-la”, tem de [...] utilizá-la para o

³² Cf. L. Giussani, *Avvenimento di libertà*. Genova: Marietti, 2002, p. 70-71.

³³ Mc 14,32-36.

objetivo que ela te pode fazer alcançar, para aquela capacidade de relação afetiva que pode ser vivida”.³⁴ Aquela tristeza serviu a Cristo para redescobrir a Sua relação com o Pai, empenhando tudo naquela relação que O constituía.

Este é o ponto, o ponto chave de hoje, pessoal! Todos os nossos sentimentos – todos, sem excluir nenhum – podem ser úteis, uma vez levados a sério, para descobrir o que existe de verdadeiro na vida. Olhando para Cristo, podemos compreender que existe um caminho para olharmos de frente todos os nossos sentimentos, sem nos submetermos a eles. Uma vez acolhidos, *todos os sentimentos podem tornar-se o caminho para reconhecer e para nos afeiçoarmos àquilo que existe de verdadeiro na vida*. É possível olhar para qualquer emoção, porque todas as emoções – como disse de forma inteligente Lady Gaga na sua canção *Million reasons* –³⁵ que te levariam a fugir de uma relação, todas as dúvidas que te surgem, toda a tristeza que te assalta, servem para encontrar “uma boa razão para ficar”, para ver se existe uma boa razão para se afeiçoar. Todas as dúvidas, todas as incertezas, se não nos detivermos nelas, podem ser a estrada, *primeiro*, para nos darmos conta do quanto somos humanos e, *segundo*, para descobrir aquilo que é verdadeiro na nossa vida. Todos os sentimentos, em vez de nos confundirem e sem que nós tentemos evitá-los, se tornam estrada.

Para me fazer entender, dou um exemplo presente n’*O senso religioso* de Dom Giussani.³⁶ Eu vejo uma bela montanha, e então para vê-la melhor, pego uns binóculos. Assim que olho, vejo tudo desfocado porque, evidentemente, as lentes não estão focadas. Dom Giussani diz: as nossas emoções são como lentes que não estão focadas. Qual é a nossa tentação? Dizer: “Estava enganado, a montanha é feia”, jogar fora os binóculos e ir embora. Pelo contrário, a coisa mais bonita da vida, a coisa que é mais de homem, é reconhecer, acima de tudo: “Oh, os binóculos não estão focados”, e depois ajustar as lentes – que servem para nos fazer ver melhor os objetos distantes – e dizer: “Mas que bela montanha!”. Para isto servem as emoções, mas devem estar focadas para olhar para aquilo que é verdadeiro para a minha vida, aquilo que é nobre, aquilo que resiste verdadeiramente no tempo!

Muitas vezes, encontramos-nos diante de sentimentos que parecem desfocados, só vemos o medo e a tristeza, a alegria ou o entusiasmo, por isso fugimos ou tentamos ficar impassíveis. A tentação mais forte é de nos determos naquilo que experimentamos, dizendo que tudo é belo ou tudo é feio. Em vez disso, qualquer que seja o sentimento que focamos, temos de entender como é que a tristeza, o tédio, a ansiedade, a alegria, a surpresa, nos são úteis para olhar melhor para a realidade, para descobrir melhor o que é verdadeiro, para nos afeiçoarmos ao que é belo. Em uma palavra, temos de focá-los.

A emoção é preciosa porque representa a primeira reação diante daquilo que acontece, mas este estado de alma não é um fim em si mesmo. Serve para nos pôr em movimento o coração, e aqueles critérios que trazemos conosco e que nos permitem dizer: “Isto sim é belo, verdadeiro, bom, justo!”. O coração diz: “Assim está desfocado, assim está um pouco melhor, assim vê-se bem”; e então pode julgar: “Esta tristeza é boa, porque me impele a ligar-me àquilo que importa; esta outra tristeza, pelo contrário, é uma mentira, porque me faz duvidar de uma coisa verdadeira! Este entusiasmo é falso, porque segui-lo deixa-me sempre

³⁴ L. Giussani. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 31.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Cf. L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 51ss.

cada vez mais só; pelo contrário, este outro entusiasmo é verdadeiro, porque é por alguém que me abraça também quando estou triste”. Só com a emoção, podemos confundir-nos, mas com a emoção unida ao coração, não; o coração não se engana, diz Dostoiévski,³⁷ porque o coração vai procurar aquilo que resiste, aquilo que dura, aquilo que é belo, aquilo que não engana. Com o coração, reconhecemos o que colmata o abismo aberto pela nossa emoção e o que, pelo contrário, nos deixa cada vez mais sós e com medo.³⁸

Então, é preciso medir as emoções, como fez Cristo naquela noite, com o coração. Porque a emoção pode confundir-se, mas o coração não. Por exemplo, depois de uma bela noitada juntos, a minha namorada me convida para tomar uma bebida e fumar alguma coisa: é tão bonito, é tão rico, é tão arrebatador! Mas eu sinto uma estima imensa por cada um de vocês para não poder deixar de pensar que todos vocês se dariam conta de que é uma forma de querer-se bem, de estar com a namorada, que segue a emoção e depois deixa nas mãos a terra queimada; e que existe uma outra forma de dar fogo àquele entusiasmo, de lhe dar um crédito que, pelo contrário, não queima tudo, não estraga tudo, mas o faz durar. Esta é a emoção medida com o coração. Assim, mesmo durante a entrada no salão, acontece-me falar com um colega meu e pensar: “Eh, tenho vontade de falar, o que posso fazer?”. Você pode reconhecer a sua dificuldade, a sua distração e perguntar-se: “Mas por que é que eu estou aqui?”. “Estou aqui porque espero alguma coisa para a minha vida; então me foco na distração e, em vez de distrair também o meu amigo, contendo as palavras e digo: “Poxa, eu estou aqui para esperar algo de grande”. Ou posso seguir a onda da emoção e pôr-me a falar, esquecendo-me de por que é que vim aqui.

Então, como é que você compreende que o seu sentimento está verdadeiramente focado e que não está se afogando entre as ondas das suas emoções? Pelo fato de que aquele sentimento, focado, te faz respirar, te faz afeiçoar, te faz deixar de rodar no vazio; o sentimento torna-se energia nova que te faz meter a mudança e te faz afeiçoar àquilo que é verdadeiro no caminho da vida; te faz viver, não te faz ser escravo! Você se torna patrão da sua vida.

Descreve-o – muito melhor do que eu estou tentando fazer – uma jovem que enviou uma contribuição impressionante. “Exatamente há um ano, quando estava no Tríduo, comecei a ter problemas de saúde, tinha um terror de ser abandonada que me impedia de estar com as pessoas e condicionava todos os meus comportamentos. Procurava uma forma de combater a minha condição e zangava-me, porque não compreendia o motivo de uma dor tão grande, por que razão me acontecia logo a mim. Tinha uma grande vontade de viver e de me atirar para as coisas que fazia, mas estava inevitavelmente limitada”. Estão vendo? Justamente, diante da doença, a nossa amiga é tomada pelas emoções: a raiva, o medo de ser abandonada, o não entender, a incompreensão. Mas depois continua – escutem a voz do seu coração –: “Tudo se tinha tornado pedido de plenitude, cada relação gritava liberdade. Naquele ponto, assumi a posição mais sincera: reconheci-me necessitada de Alguém a quem poder confiar toda a minha miséria”. Entenderam? Aquela emoção, se não fosse medida com o coração, a teria levado a dizer: “A minha vida é uma porcaria”, a atirar-se ao chão e dizer: “Sou uma infeliz”. Pelo contrário, foi precisamente aquela condição, medida com o coração, que lhe fez surgir uma vontade de viver e um pedido único. Eu invejo esta amiga pelo sentimento de

³⁷ F. M. Dostoiévski. In “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 31.

³⁸ Cf. E. Dickinson. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 32.

vida que tem. Não vejo a hora de ter cada vez mais amigos como ela, que olham assim para as suas emoções. A ponto de chegarem a pedir: “Quero carregá-la, esta cruz, mas sozinha não sou capaz. Dá-me a coragem de poder estar diante da minha ferida”. Talvez ela nem se tenha dado conta de ter repetido as mesmas palavras de Jesus quando estava para morrer. “Pai! tudo é possível para ti. Afasta de mim este cálice! Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres.”³⁹

Quando uma pessoa encara assim a raiva, o tédio, a incompreensão, que humanidade, que capacidade de letícia, que plenitude de vida daí emergem!

Esta nossa amiga, como Cristo, compreendeu que todos os sentimentos, medidos com o coração, podem ser a ocasião para escancarar a vida, para descobrir aquilo que é verdadeiro, aquilo que permanece, aquilo que verdadeiramente inflama. Cristo compreende que todos os seus sentimentos de homem (tristeza, angústia, medo) não se podem perder, não se pode fugir deles, mas são postos em ordem, focados, na “boa razão” pela qual deu a vida: a Sua relação com o Pai, que nunca O tinha traído: “Não o que eu quero, mas o que tu queres”. Se se tivesse detido na superfície da sua reação, teria fugido, como fizeram os discípulos. Em vez disso, não ignorou a sua emoção, mas entendeu que esta humana tristeza e este medo da morte escancaravam o Seu coração, serviam para redescobrir e reafirmar a Sua relação com o Pai, aquilo que o tinha mantido de pé por toda a sua vida.

“NUNCA VIMOS COISA IGUAL!” (Mc 2,12)

“Jesus respondeu-lhes: ‘Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém me quer servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará’”.⁴⁰

Esta é a grande razão que dominava todos os sentimentos de Cristo. Não é uma filosofia. E não vamos dizer, por favor: “Ele é ótimo, mas eu não consigo!” Eu sou o primeiro a não conseguir. Não é este o problema de agora; neste momento, temos simplesmente de olhar para a “boa razão” de Jesus: “Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto”.⁴¹

Guiado por esta boa razão, comove-se e cai no choro, porque o amigo Lázaro está morto,⁴² irrita-se com quem transforma o templo num mercado de produtos religiosos,⁴³ chega a cansar-se pelo quanto cura e fala,⁴⁴ sempre à procura de todos os homens, pois estavam como ovelhas perdidas, sem pastor.⁴⁵ Todos os sentimentos, tão profundamente humanos, que enchiam o Seu coração, todas as dificuldades que de boa vontade e livremente enfrentava, estão ordenados a um só fim, na obediência ao Pai que nunca o tinha traído,

³⁹ Mc 14,36.

⁴⁰ Jo 12,23-26.

⁴¹ Jo 12,24.

⁴² Cf. Jo 11,33-35.

⁴³ Cf. Mc 11,15-19.

⁴⁴ Cf. Jo 4,6.

⁴⁵ Cf. Mc 6,34.

tinham uma só razão: dar a vida para libertar os homens dos seus condicionamentos – como dizíamos ontem à noite –, libertar o homem desta ditadura das emoções, escancarar finalmente o coração e a razão do homem.

Não é preciso já ser católico para compreender tudo isto. Impressionou-me que alguns de nós que estão aqui, não católicos, à pergunta “Por que vieram aqui?”, responderam: “Porque aqui vem à tona o meu humano, aqui se fala de mim”. E outro me disse: “Quando o senhor fala de Deus, não o acompanho, mas quando fala dos relacionamentos, diz coisas verdadeiras”. Jesus não precisa, como diria o Papa Francisco, de proselitistas, de gente que tenha a carteirinha e pague o pedágio ao grupo dizendo: “Sim, sim, não se preocupe, vou ao encontro”, Jesus tem uma só preocupação: libertar o homem e fazê-lo finalmente sentir-se ele mesmo. Até o homem que O recusa? Até o homem que O odeia? Sim! Até mesmo Judas, até mesmo a mim. Caracterizava-o a comoção pelo nada que o homem é, a tal ponto que se comoveu até pela traição dos Seus. Como diz Dom Giussani: “Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza rude, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. [...] ‘Comovi-me porque me odeias’. É uma emoção, é como uma emoção; é uma comoção, tem dentro uma comoção”.⁴⁶ Desde o primeiro dia da Sua missão, todos os Seus sentimentos estavam ordenados a esta comoção por cada um de nós. Portanto, escutemos *O côr soave*, que diz que Jesus não foi morto só por um punhal pungente, pela violência dos homens, mas imolou-se, foi morto pelo amor, por uma seta originada e disparada pelo Amor em pessoa.

O côr soave

“Comovi-me porque me odeias.” Parece impossível que um homem possa amar tanto assim, a ponto de oferecer a sua vida por quem o odeia. Parece impossível, mas aconteceu. Os seus amigos viam-No viver assim continuamente, e continuavam a dizer: “Nunca vimos coisa igual!”, desde o primeiro dia em que O encontraram, por causa desta Sua paixão contínua por todo e qualquer homem, por causa desta Sua paixão por mim, por mim como sou, com estes meus limites evidentes (para além das aparências!). Desde os primeiros dias em que os primeiros O encontraram, continuaram a repetir esta frase (“Nunca vimos coisa igual!”), surpresos com a Sua personalidade tão capaz de penetrá-los no íntimo, de descobrir-lhes o caráter. Não se tratava apenas de uma impressão ocasional, de um sentimento que foge.

Muitos de vocês descrevem assim o encontro feito com os Colegiais: finalmente não julgados, soltos; não perfeitos, mas preferidos, e não por alguma atuação particular; simplesmente abraçados. Como conta um de vocês: “Pela primeira vez na minha vida, diante das dificuldades encontrei uma presença para mim, que vai além do que sou e sempre consegue ir além do meu incômodo, incentivando-me a sempre lançar mão do melhor daquilo que sou”.

Então dizer “Nunca vimos coisa igual!” diante de certas experiências que trazem para fora o melhor de nós, não é uma emoção que passa? Não, porque continuam a ocorrer fatos, fatos tão “explosivos” que toda vez nos reabraçam, nos retomam, nos reconquistam e não nos deixam embriagar de emoções, mas nos fazem

⁴⁶ L. Giussani. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 33.

ir a fundo nelas e nos deixam cada vez mais afeiçoados, enchem-nos de uma pergunta – é um bom sinal que nasçam algumas perguntas –: “Mas quem és Tu, que diante de mim, na minha pequenez, do meu nada, me dás tudo isto?” – escreve um de vocês. Outra amiga nossa, falando de tudo o que lhe aconteceu depois da morte da mãe, pergunta: “Quem é que pode tornar maravilhoso até mesmo um fato trágico?”. Outro ainda fica conquistado pelo Movimento e diz: “Tudo bem, porque é o início!”. Mas depois convida os seus pais e eles também ficam felizes. E então poderia dizer: “Sim, mas eu não sou tão bom. A emoção passou”. E no entanto também convida os avós e eles também ficam fascinados. Depois faz uma coisa “impossível”, quase comparável à ressurreição: convida a sua professora de matemática! E ela também fica interessada! Vocês se dão conta? A professora de matemática: é a revolução do cosmos! Se conquista o coração de uma professora de matemática, quer dizer que vence em todo o mundo mesmo! Não digo isto porque eu tenha algo contra as professoras de matemática – tenho-lhes o maior respeito –, mas para ressaltar o quanto Cristo é grande.

Desde o primeiro dia até o último da vida deles, os apóstolos eram continuamente deparados a certos fatos que escancaravam as suas perguntas; foi uma contínua surpresa com aquilo que Ele fazia, com como sabia olhar para a doença, com como não condenava os pecadores, com como sabia pôr contra a parede os sábios do templo, mas principalmente com como captava profundamente a humanidade deles, tanto que continuavam a repetir: “Nunca vimos coisa igual!”. E, assim como este nosso amigo que convidou a professora de matemática, também os discípulos devem ter-se perguntado: “Quem és Tu, que tomou assim a iniciativa nas nossas vidas e nos conquistou assim? Quem és Tu? Nunca vimos coisa igual!”. E eu também repito isto, mas não impulsivamente como o digo diante de um pôr-do-sol ou diante de uma bela noite. Eu digo: “Nunca vimos coisa igual!” diante de uma presença, querendo ir atrás dela, querendo conhecê-la mais, não querendo deixá-la mais. Como conta outra de vocês, que encontrou alguns membros dos Colegiais trabalhando no verão num hotel e ficou encantado com como o trataram, ou seja, como a um irmão, tanto que o convidaram para as férias; mas ele disse-lhes: “Não, eu não sou da Igreja”, e deixou para lá. Quando mudou o turno do trabalho, chegaram outros membros dos Colegiais que não conheciam os de antes, mas ele viu que também estes o tratavam como a um irmão, como a um amigo, estava bem com eles; e então perguntou: “Quem são vocês?”, “Somos de CL”. E ele: “Então eu vou às férias!”. Não é a emoção de um instante, é uma presença que continua a acontecer e que o deixa cada vez mais afeiçoado àqueles novos amigos. As férias foram ótimas. O verão terminou e esse menino pensa: “Ok, agora vou voltar para a vida de antes” (lembrem-se de *Non son sincera*, que ouvimos no começo?). Voltou para as aulas, mas mudou de classe, e agora tem um novo colega que lhe diz: “Vamo-nos encontrar para estudar juntos uma tarde”. Que belas conversas que se têm com esse colega! Tem mesmo uma humanidade íntegra. Então ele começa a contar-lhe do verão e o colega diz: “Sabe, eu também encontrei os Colegiais”. E assim começaram os Colegiais na escola deles. O nosso amigo conclui assim a sua história: “Hoje esta companhia faz parte de mim todos os dias”. Uma afirmação do gênero não depende do fato de durarem as nossas emoções; o ponto é que certos fatos são teimosos e não nos deixam. E nós, com todo o turbilhão das nossas emoções, temos de acertar as contas com esses fatos; para podermos ver se as nossas emoções, as nossas dúvidas, as nossas

perguntas, podem entrar em foco para entendermos se estes fatos são verdadeiros ou não.

O último fato que me comoveu realmente, porque parece ter voltado ao ano zero da Igreja, diz respeito a um amigo nosso que provinha de uma família atea, então não sabia nada de religião. Mas um domingo, o irmãozinho foi jogar futebol na paróquia, volta para casa e conta sobre o que faziam lá: “Ficamos surpresos – conta – que uma criança fosse à paróquia até aos domingos. Depois de algumas semanas, voltou para casa e explicou-nos a missa; ficamos outra vez espantados. Deixamos de lado; como é uma criança, qualquer coisa nova que vê é surpreendente para ele. Nas semanas seguintes aconteceu a mesma coisa e depois de um tempo a minha mãe começou a interessar-se [Entendem? No fim, todas as nossas possíveis emoções têm de acertar as contas com os fatos que continuam a acontecer]. Mudamos para outra cidade [tudo parecia acabado]; quase que imediatamente eu encontrei CL, e os meus pais encontraram CL. Um fim de semana, reunidos em casa, começamos a falar disto: uma reflexão depois de outra, demos razão ao meu irmão [puseram o binóculo deles em foco diante destes fatos e disseram: ‘Talvez, por todos estes fatos, ele tenha razão’]; realmente existe algo verdadeiro e belo cuja existência não conhecíamos. Não sabíamos sequer o que era uma missa ou o cristianismo, assim decidimos batizar-nos. Mas não acabou por aqui [não basta a emoção do Batismo recebido], não mudou apenas a passagem de ateus para cristãos, mas mudou tudo. O olhar ao ver as coisas, o comportamento, o relacionamento em casa... antes os meus pais eram muito superficiais no dia a dia, incompreensíveis, ao passo que agora como são é maravilhoso; certas vezes acontece que eles me esperem acordados depois do encontro dos Colegiais para ouvir sobre como foi. Quanto à pergunta ‘Nunca vimos coisa igual’, eu digo que nunca tinha visto nada igual, mas nada mesmo! E algo mudou? Sim, mudou tudo!”.

Há dois mil anos, teimosamente, obstinadamente e irredutivelmente, na vida de cada um de nós ocorrem fatos – que se repetem no tempo, não por um esforço nada ou por um convencimento das pessoas, mas simplesmente pela iniciativa do Mistério nas nossas vidas, ocorrem – fatos que suscitam emoções, emoções que pedem que vamos atrás delas, que provocam perguntas, que originam afeição e um apego, se simplesmente nós não ficarmos na superfície do medo ou do maravilhamento.

“Quem és tu?” “Esta companhia faz parte de mim todos os dias.” “E mudou tudo!”: esta é uma emoção sem razão ou é um sentimento novo da vida, fruto de uma comparação com o coração, que nos faz viver e que nos deixa afeiçoados? Não é uma simples emoção que roda em falso, mas, como diz Giussani, “a maravilha inicial [dos discípulos] era um juízo”, e não um juízo frio, mas “um juízo que os colava”; “era como uma cola”⁴⁷ que os prendia cada vez mais a Ele. É um juízo cheio de afeição, não é uma emoção que se sacia com sentimentos, mas a descoberta de alguém a quem me afeiço, a quem posso entregar toda a minha fraqueza e todas as minhas perguntas, a quem posso dizer: “Tenho dificuldade, não entendi”, sem vergonha. Posso ser finalmente eu mesmo, porque nunca me senti tão humano senão na frente d’Ele. Cheios desta afeição, podemos começar a olhar para a nossa humanidade, como Ele a olha: podemos, como Ele, não ter medo de nenhum aspecto da nossa humanidade.

“A QUEM IREMOS, SENHOR, SE NOS FORMOS EMBORA?” (Cf. Jo 6,68)

⁴⁷ L. Giussani. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 33.

Na conclusão desta manhã, retorno ao que, juntamente com os outros adultos, eu tinha de mais importante para dizer-lhes. Podemos não ter entendido nada, mas damos-nos conta de que até a nossa incompreensão, como mostramos esta manhã, pode ser útil. Podemos esquecer-nos de tudo o que dizemos e errar de novo mil vezes, mas até o erro pode ser útil, porque aprende-se mais errando do que acertando por engano. Podemos esquecer-nos, distrair-nos, ficar aborrecidos, tomados por diferentes emoções contrastantes, dispersar tudo assim que voltamos para o hotel, mas tudo isto pode ser novamente a ocasião para retomar e redescobrir o que temos de mais importante na vida: redescobrir a única Presença que está à altura da nossa humanidade, tão única no mundo.

Para fazer-nos entender isto, quando fomos encontrá-lo ontem à noite, Carrón nos deu um exemplo formidável: Se você estiver andando pela rua e de repente alguém te olha no rosto e te dá um soco, o que você faz? Você responde com outro! Mas se, chegando em casa, abrir a porta e a sua mãe, que te está esperando, te dá um soco, o que você faz? Pergunta a ela: “Por quê?”. Veem? Quando uma pessoa encontra uma presença na qual confia, não reage no calor das suas emoções, mas todas as suas emoções, todo o seu espanto, a sua raiva, a sua dor, tornam-se a ocasião de um diálogo, levam-na a perguntar: “Por quê?”. “Por que estou distraído agora?” “Por que agora você me faz isto?” “Por que esta dor?” Você pode dirigir-se a alguém; a vida é este diálogo estupendo. Como o diálogo de Cristo com o Pai, aquela noite: “Não seja feito como eu quero, mas como tu queres”.⁴⁸ Assim todos os nossos sentimentos, as nossas incompreensões, as nossas distrações, não são um obstáculo, mas podem servir para nos afeiçoarmos mais a Cristo, não para fugirmos d’Ele, mas para redescobrirmos que Ele não nos abandona jamais, como no primeiro dia. E a vida torna-se este diálogo.

“O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.⁴⁹ Assim – nós garantimos – com o tempo talvez não fiquemos melhores, mas ficamos mais afeiçoados, cada vez mais conquistados por esta Presença que acontece na nossa vida; cresce a afeição e o desejo de seguir fielmente, não movidos pelo calor do sentimento efêmero, mas como fruto de dar atenção a cada sentimento e julgá-lo, como fruto do reconhecimento cheio de afeição, de emoção verdadeira, por aquilo que nos aconteceu. Como diz Dom Giussani: “A afeição não é uma onda”, como os sentimentos, mas é “ceder continuamente à atração da verdade, ser prisioneiro da verdade, da beleza, da justiça. Prisioneiros?!”. Não. “Seguidores!”.⁵⁰

O testemunho de um amigo nosso, que descreve um situação pela qual acho que muitos de nós já passou, faz-nos entender bem o que quer dizer seguir, fazer uma comparação de tudo com uma presença. “Uma noite, enquanto toda a classe estava no ônibus [durante um passeio], alguns amigos dos Colegiais, juntamente com alguns outros colegas meus, começaram a cantar juntos, de uma maneira meio fraquinha, mas apaixonada. Eu estava junto com o grupo dos meus amigos ‘convencidos’, que imediatamente começaram a insultar os que estavam cantando, porém sem fazer os meus amigos dos Colegiais desistirem de cantar juntos. No meio de tudo isto, apareceu imediata e quase violentamente esta pergunta: eu é que sou mais feliz, obrigado a ficar sem ação para não me sentir julgado negativamente pelos meus amigos, ou então

⁴⁸ Mt 26,39.

⁴⁹ Mt 26,41.

⁵⁰ L. Giussani. In: “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 34.

eles, que estão juntos de uma forma tão livre de preconceitos que, tendo o desejo de cantar à noite num ônibus na frente de todos, não hesitam nem um segundo?” Veem? Tudo pode ser olhado. No começo envergonhou-se e desprezou-os. Mas o coração é infalível, e então, olhando para aquela vergonha e aquele desprezo, na frente daquela presença tão irreduzível, perguntou-se: “Mas quem é mais livre, quem é mais feliz?”. Graças à sua vergonha, graças ao seu não sentir-se “convencido”, pôde redescobrir, pôde reaproximar-se de quem lhe quer mais bem. Assim continua: “A resposta era evidente, entre os dois eu era o triste, o que não era livre para ser eu mesmo. E logo ficou evidente que eu nunca tinha visto antes uma amizade que me aceitasse tal qual eu era”. Olhar para o sentimento não é o fruto de uma autoanálise, mas é render-se a esta evidência, pôr em primeiro plano esta evidência em relação aos nossos preconceitos, deslocar o próprio centro afetivo daquilo que nos domina (pensamentos, preconceitos nossos e dos outros) para uma presença que acontece teimosamente e nos retoma para podermos ser-lhe fiéis.

O caminho de hoje à tarde na Via Sacra, como o caminho todo da vida, é fazer esta comparação, como fez o nosso amigo: o que me deixa mais livre? O que me deixa mais feliz? O que me faz mais eu mesmo? Mesmo partindo dos próprios preconceitos ou do dos outros, no final a pessoa deve tirar o próprio coração daquilo que pensava, daquilo que os outros pensam dela, e colocá-lo no que realmente dura, ainda que isto custe sacrifício, ainda que isto signifique perder a credibilidade. Haverá na vida, como hoje à tarde durante a Via Sacra, momentos em que nem tudo estará claro, momentos em que o nosso limite e as nossas imagens parecerão tomar a dianteira (o tédio, a distração, o entusiasmo, etc.), como a lente fora de foco do telescópio. E é justamente aí que podemos dizer, cheios desta afeição, como um dia fez São Pedro: “Nós também não entendemos, mas, se formos embora, para onde iremos?”.⁵¹ Toda esta confusão é útil para eu entender que somente Tu me fazes realmente humano. Por isso eu O sigo, não cegamente, mas fielmente, razoavelmente, com toda a minha afeição, com todo o meu coração. Como diz o belo romance de De Wohl – que recomendo –, *A Lança de Longuinho*, que conta a vida de Jesus do ponto de vista de um centurião romano. Num certo momento, descreve-se a figura da pecadora que finalmente se sente perdoada e libertada por Jesus; a sua família recusa-a e ela vai procurar os amigos d’Ele – não encontrando Jesus –; e Maria Madalena pergunta-lhe: “Que queres com Ele?”, e ela responde: “Não sei mais para onde ir”. Eu repito a mesma coisa: não sei bem o que quero da minha vida; ontem a nossa amiga queria a tatuagem, o piercing; eu não quero essas coisas, mas tampouco eu sei o que quero da minha vida, que vida eu espero, mas desejo uma só coisa: quero ir até Ele, porque não sei mais para onde ir. Eu também quero ser “seguidor” desse Homem que me fez ser eu mesmo como nunca antes, ainda que isto dê trabalho, ainda que eu vá errar muitas vezes. Ainda que eu possa ir embora algumas vezes, sei que quero ir até Ele, não sei aonde mais posso ir.

Temos um lugar para o qual voltar, temos uma presença para seguir, não porque já não erramos, não porque já não nos esquecemos, mas porque onde mais, senão com Ele, a minha humanidade é, sem vergonha, finalmente abraçada por aquilo que é? Como conta a última contribuição de um de vocês, que no fim do último ano do liceu escreve: “Muitas vezes ainda tenho muita dificuldade [se você soubesse, amigo, quanta dificuldade eu ainda tenho!], fico ferido ou céptico, mas a cada vez não consigo, em dado momento,

⁵¹ Cf. Jo 6,68.

não voltar ao que vi no encontro com muitas pessoas e pensar com simplicidade: ‘Posso fugir o quanto quiser, mas nunca vi coisa igual!’”.

Pessoal, cada um de nós é chamado a este juízo do coração, a buscar um lugar do qual possa dizer, não apenas no calor das emoções, mas com uma verdadeira comoção que dura no tempo: “Não tenho outro lugar para onde ir, porque nunca vi coisa igual!”. Assim, cheios de afeição, sejamos seguidores deste Homem que se comoveu até mesmo pelo nosso ódio. Cristo não se detém diante do medo e da distração, não tem medo de olhar frente a frente para a tristeza e de carregar nas suas costas a cruz por nós. Ele continua a morrer como o grão de trigo, porque estamos paralisados pela escravidão dos nossos sentimentos e das nossas emoções que nos deixam com a terra queimada nas mãos.

Cheios de afeição, acompanhamos os passos de Deus, que não deixa de passar na nossa vida, enchendo-nos de maravilha. Este é o sentido da Via Sacra de hoje à tarde.

Com um mínimo de afeição, com um mínimo de curiosidade que até quem não é cristão pode ter, caminhamos perguntando-nos: “Quem és Tu? Quem és Tu que dás a vida por todos?”. Fiquemos todos atrás da cruz com este mínimo indício de curiosidade. Não é uma comemoração histórica e não é uma ordem militar pedir que façamos silêncio. Somos como os amigos de alguém que está indo morrer, e por isso nos perguntamos: mas até esse ponto? Até esse ponto Te comoves por mim, pela minha distração – e enquanto isso eu continuo a me distrair –, pela minha incompreensão – e enquanto isso eu continuo sem entender –? Porém essa distração, essa incompreensão, essa palavra que gostaríamos de dizer ao amigo durante a Via Sacra, façamos com que se tornem todas ocasião para nos perguntar: “Quem és Tu para a minha vida?”, e para redescobrir a afeição que temos por esse Homem. Por isso buscamos os amigos verdadeiros, não os que vivem na onda da emoção, porque estes são coniventes; mas os que sabem chamar-nos a atenção, os que sabem corrigir-nos para nos devolver a nós mesmos e não para dos tornar como querem eles. Por isso, dois amigos que hoje à tarde se olham em silêncio, chamando-se a atenção para olhar a cruz, são dois amigos verdadeiros. Ontem à noite, cantando com alguns amigos de Bolonha, eu dizia: “Não há coisa mais parecida com o silêncio do que este canto”, quando cantam todos juntos. Como cantamos bem ontem à noite seguindo o regente do coro, quando tínhamos de diminuir o volume, quando tínhamos de gritar, quando um só tinha de cantar e todos os outros tinham de ficar calados, éramos como uma só voz, e no entanto cada um se sentia muito mais expressado do que se tivesse dito o que lhe vinha na cabeça. Sabem o que há de mais próximo desse cantar juntos, e ainda mais profundo, eu diria? O silêncio. Porque no silêncio acontece a mesma coisa: você segue o que acontece como o gesto do regente do coro, e tenta ficar atento a quando se deve falar, a onde se deve olhar, a quando se deve escutar. O silêncio não é encher a cabeça de pensamentos, porque isto, eu sei, nos dá medo; mas é pôr para fora o coração, os olhos, os ouvidos, as emoções, e colá-las no que está acontecendo, colá-las na cruz, colá-las naquela palavra do livreto, colá-las na voz do amigo que está cantando com você, deixando que os olhos e o coração sejam preenchidos pelo que está acontecendo. Quem é você quando faz silêncio? Você é a profundidade daquilo que acontece. Quando faz silêncio e cola a si mesmo inteiro como o coro – vocês viram – fica colado no maestro que rege, você é mais você mesmo mais

do que se dissesse ao seu amigo a primeira besteira que vem à cabeça.

É um desafio. Mas não o proporia se não soubesse o quanto é bonito para mim. Portanto, tentem vocês também! Vocês têm todos os outros dias para dizer a primeira coisa que passar pela sua cabeça, mas tentem ao menos hoje à tarde! Procuremos um amigo que nos ajude a olhar, que nos ajude a seguir em silêncio.

Vamos concluir escutando *Dulcis Christe*. Já desde agora tentemos colar o nosso coração, os nossos olhos, os nossos ouvidos em qualquer palavra. Imaginem este Homem que se comove porque nós o odiamos. Fiquemos em pé.

Dulcis Christe

Angelus

Testemunho de Giorgio Vittadini

15 de abril, sábado, manhã

Pigi Banna. Toda manhã, como Cristo nesta manhã, temos de sair do sepulcro. Não só do sepulcro da nossa cama, mas de um sepulcro ainda mais lacrado, que é o sepulcro dos nossos pensamentos, das nossas emoções confusas não colocadas em foco, das nossas desilusões, o sepulcro que nos leva a dizer que erramos ontem à noite e que vamos errar de novo esta manhã.

E para nos fazer sair do sepulcro, sabemos que não conseguimos com as nossas forças. Se estávamos procurando nestes dias uma técnica de sobrevivência, garanto que não queríamos dá-las, porque não existem. Se estavam procurando algo que faça a emoção deste Tríduo durar, garanto já agora que não há, que a emoção também vai acabar. Mas estou feliz que acabe. Se vocês buscavam uma inteligência particular das coisas que lhes digo, garanto que não é isto o que queríamos comunicar.

O que queríamos comunicar, o que é certo, é colocá-los perante a vida de um homem que há 2000 anos arrombou as portas do seu sepulcro e continua a gritar ao sepulcro da nossa cama, dos nossos pensamentos, das emoções. Como disse o Papa: “Saia para fora, que a vida é para você”.

Há dois mil anos a Sua companhia está gritando para você: “Saia do sepulcro, porque a sua vida é grande”. Não garantimos para nós uma técnica de sobrevivência nem uma moral particular, mas temos a certeza de uma presença que toda manhã nos traz o anúncio: “Levante-se! Veja! Estou com você”.

Angelus

Alberto Bonfanti. Como todo ano – e não digo por formalidade, mas realmente edificado e impressionado – chegaram muitas perguntas leais e sinceras sobre o que vivemos nestes dias. O coração das perguntas, das várias formulações, foi com certeza o nexos entre sentimento e coração do qual Pe. Pigi falava ontem de manhã. Todas as perguntas que vocês mandaram são expressão do desejo de crescer, de tornar-se adulto, de levar a sério a própria vida, de ser protagonista, sem descarregar a própria liberdade sobre os outros, de viver à altura do próprio desejo. Mesmo que seja um empenho, mesmo que esse desejo possa mostrar-se incômodo, como uma menina disse ontem durante a assembleia no meu hotel. Gostaria primeiramente de dizer que estas perguntas foram suscitadas pelo que vocês viveram, pelo que vocês escutaram. Como um amigo disse estes dias, “vocês fizeram despontar questões que estavam dentro de mim, mas que despontaram dentro do que Pe. Pigi dizia”. E isto não é secundário, porque indica um método, diz que o caminho a ser tomado é dar-nos conta do que vimos, do que aconteceu, do que foi dito. Vamos retomar o conteúdo destes dias no percurso da Escola de Comunidade dos próximos meses. Aquilo que vivemos foi dito mais pelos olhos de vocês do que pelas palavras, porque, como diz uma música de Chieffo de que gosto muito, é pelos olhos que se percebe quando a vida recomeça. O que vivemos foi comunicado mais pelos olhos de vocês, pela participação, pela inclinação ao silêncio que vocês viveram mesmo entre mil dificuldades até durante a Via Sacra, pela capacidade de retomada diante de um chamado de atenção, como

ontem de manhã, quando Pe. Pigi nos chamou a atenção ao silêncio por causa do modo distraído com que tínhamos entrado no salão. Enfim, fomos tomados por algo que nos atraiu, por alguém que nos comoveu, como tantos escreveram, por algo que nos fez respirar, como escreveu um amigo nosso francês: “É como se me tivessem dado mais um pulmão”. E isto é importante, não para nos esquivar de qualquer pergunta de vocês, qualquer pergunta nossa, mas porque só se nos dermos conta, se percebermos que esse maravilhamento, essa comoção nascem de uma presença que pode dizer ao nosso amigo (ouvimos ontem) em circunstâncias dramáticas: ainda que houvesse uma mulher, uma mãe que se esquecesse de seu filho, eu nunca te esquecerei. Só se nos dermos conta dessa presença, poderemos ficar diante de todo o nosso desejo, de todas as nossas perguntas, sem procurar respostas em definições ou em regras de comportamento, como muitas vezes tentamos fazer, ou tentando reduzi-las, mas ficando diante dessas perguntas com a certeza de que cada uma delas é um passo para o nosso destino. Ouçam como é pertinente em relação ao que vivemos e que tentei destacar brevemente a mensagem que novamente este ano o nosso amigo Carrón fez questão de nos escrever. Leio: “Caríssimos amigos, penso em cada um de vocês dominado pelo desejo de crescer. Crescer quer dizer tomar nas mãos as rédeas da própria vida. Mas isto nem sempre é simples. Às vezes, de fato, dá vontade de voltar atrás. Era mais cômodo, menos trabalhoso, quando eram os outros que tratavam de enfrentar os problemas por nós. E muitas vezes volta a pergunta: mas eu realmente quero crescer, ou prefiro continuar criança? Favorecer o desejo de crescer exige um amor, uma paixão por nós mesmos. Viver à altura do nosso desejo é um empenho. E é só para os audazes, como lhes digo muitas vezes; é para quem quer ser protagonista em primeira pessoa, sem descarregar sua própria liberdade sobre os outros. Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que pode alcançar a minha vida. Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é ‘um ponto de chegada possível somente para quem leva a sério a vida’, sem excluir nada: ‘amor, estudo, política, dinheiro, até a comida e o repouso, sem nada esquecer – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência’. A razão desta audácia é a firme certeza de Dom Giussani de que ‘dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino’ (*O senso religioso*, p. 62-63). Como é arrepiante acordar a cada manhã com a curiosidade de descobrir como é que cada gesto pode se revelar um passo para o destino, em cada desafio por enfrentar! Só podemos fazê-lo graças à certeza de termos um companheiro de caminho como Jesus. ‘Eis que estou convosco, todos os dias, até o fim dos tempos’ (Mt 28,20). Com Sua companhia podemos ousar enfrentar qualquer desafio, como nos testemunha alguém que não teve medo de crescer, o Papa Francisco: ‘Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a atmosfera do sepulcro; ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n’Ele, da ressurreição do coração, o caminho do “Levanta-te! Levanta-te, sai!”. Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer’ (*Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017). Boa Páscoa! Seu amigo Julián”

Precisamos ficar impactados, precisamos encontrar, ficar juntos com pessoas que não têm medo de crescer, como o Papa, como Carrón, como Pe. Pigi, mas como tantos entre nós. Este é o valor do testemunho entre nós. Esta é a razão por que convidamos, e o agradecemos, o meu amigo pessoal que também é nosso

caríssimo amigo, Giorgio Vittadini – professor ordinário de Estatística na Universidade Bicocca de Milão – a quem passo agora a palavra.

Giorgio Vittadini. Espero que o aplauso seja para Albertino, nunca se sabe como vai acabar depois...! Quero contar-lhes do meu estar em caminho aos sessenta e um anos. Começo dizendo que os dois cantos que cantamos no início, *I cieli* e *Ballata dell'uomo vecchio*,⁵² são o *leitmotiv* da minha vida. Em *I cieli* “Ele me deu”, é certo: eu fui tomado por uma presença boa por meio de tudo o que recebi de bem. Vou tentar contar-lhes. E digo que fui tomado não porque um dia tenha tido uma aparição, mas através da realidade “normal”. O primeiro ponto da realidade em que fui tomado pelo Senhor foi o meu desejo. Desejo, até à tristeza, como na *Ballata dell'uomo vecchio*. A primeira parte do que estou contando quer comentar esta passagem de Julián Carrón: “Favorecer o desejo de crescer exige um amor, uma paixão por nós mesmos. Viver à altura do nosso desejo é um empenho. E é só para os audazes, [...] para quem quer ser protagonista em primeira pessoa, sem descarregar sua própria liberdade sobre os outros”.⁵³ Quero mostrar-lhes como este desejo se manifestou na minha vida, mesmo se no começo de uma forma não consciente. E por isso queria que começássemos com um canto de Enzo Jannacci, *Pedro Pedreiro*,⁵⁴ porque aquilo que vocês vão ouvir no canto sou eu na sua idade e também depois.

Pedro Pedreiro

Eu era um rapaz normal... bem, talvez não realmente normal... De toda forma, eu ia muito bem na escola, mas para o resto, qualquer coisa que acontecesse ou imaginasse, nunca me bastava. Jogava bola, mas não me bastava. Não me bastava ir bem na escola. Não me bastavam os amigos. Tinha dentro de mim uma grande inquietude. Uma vez que me incomodava as pessoas me tomarem pela inteligência e jogarem fora todo o resto, eu fazia coisas estranhas. Por exemplo, apostava por cem liras que me jogaria numa poça, ou que comeria o suporte de copos de papelão dos bares. Fazer coisas idiotas expressava o meu desejo de não ser comprado pelos outros. Lembro que a minha professora do ginásio me disse: “Eu vou colocá-lo nos eixos, porque você – como se diz normalmente – é inteligente mas indisciplinado”. Terminou que eu não mudei e ela ficava esgotada.

Você entende que, quando tem dentro de si algo do gênero, um desejo tão irrompente, facilmente sente que todos querem normalizá-lo, porém, normalmente valorizando o que você faz com a mão esquerda, que não é tão importante para você (no meu caso, o estudo). Mas não pode ser bom para você, porque o que esperava era bem diferente. Como diz o canto: “Espera alguma coisa maior do que o mundo, maior do que o mar”. Lembro que me mandaram fazer uma redação sobre a importância da Europa. Escrevi que era pequena para mim não só a Europa, mas também a Itália, o bairro, a escola, e que qualquer âmbito de pertencimento

⁵² C. Chieffo, “I cieli” e “Ballata dell'uomo vecchio”. In: *Canti*. Milano: Società Coop. Edit. Nuovo Mondo, 2014, p. 194 e 218.

⁵³ Ver aqui, p. 2.

⁵⁴ *Pedro Pedreiro*, letra e música de Chico Buarque; letra italiana de Giorgio Calabrese e Enzo Jannacci, do álbum *Vengo anch'io. No, tu no*, (1968).

me parecia opressivo. Marcaram a minha redação com caneta vermelha, e um pouco depois me mandaram para o reformatório. Não sei se vocês já passaram pela situação de ter algo de crucial em vocês que os outros não entendem... Como o Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, que mostrava aos adultos o desenho de uma jiboia que tinha engolido um elefante, mas eles viam um chapéu... Entendem que, se vocês esperam algo de grande, a normalidade lhes parece estreita? Ao mesmo tempo, porém, eu tinha a sensação de que algo de belo e de grande acontecia na realidade, que os meus sonhos não eram só sonhos impossíveis. Por exemplo, eu ouvia meu avô contar sobre a bela vida que levavam no campo, com as pessoas que ficavam juntas e se queriam bem, e ficava triste ao pensar que isto já não acontecia. De toda forma, a ideia de “entrar nos eixos”, numa vida que fosse carreira, roupas bonitas, festas, me deixava louco, eu não me encaixava. Por sorte o trem chegou. Chegou o trem que para mim foi o encontro com o Movimento, primeiro com um professor no colegial, e depois na universidade, com uma companhia que, pela primeira vez, em vez de dar destaque como todos os outros à “normalidade”, destacava aquela inquietação estranha, a necessidade que eu tinha em mim e que não sabia sequer o que era.

Esse encontro foi “a noite em que vi as estrelas”, como diz o canto de Claudio Chieffo.⁵⁵ A “noite em que vi as estrelas” não dormi nem um minuto, mas pude sonhar com tudo o que poderia ser a vida num mundo em que finalmente eu dava importância à ferida que tenho em mim, à pergunta que me determina, à vontade de felicidade tão incômoda, à ansiedade de achar que nada do que existe funciona. E comecei, assim, uma aventura, uma aventura total. Eu vivi nos anos do colegial e da universidade uma aventura completa, do estudo à amizade, graças a uma companhia humana plena. Até aquele momento, eu tinha achado a amizade no mundo católico sempre funcional: “É preciso ficarmos juntos porque assim fazemos o bem”, “é preciso fazermos juntos, assim estudamos e melhoramos”. Com esses novos amigos, no entanto, comecei a ficar junto pelo gosto, pelo prazer de estar junto, de compartilhar a vida e também de entendê-la melhor. Não eram anos fáceis, enquanto eu estava na universidade havia o terrorismo. Juntamente com os meus amigos, queríamos entender e julgar mais a fundo também o que estava acontecendo no nosso país, além do choque ideológico em ação nos jornais, além das simplificações fáceis que diziam “os terroristas têm razão, ainda que sejam violentos”, ou então “a polícia deve expulsar a todos”. Queríamos olhar as coisas de maneira diferente, com base na experiência de bem e de fé que fazíamos. Depois procurávamos ajudar quem precisava mais, por exemplo, procurando vagas em apartamentos baratos, fazendo as apostilas dos cursos ou estudando juntos (como Portofranco faz hoje). Dedicávamos muito tempo a momentos em que se discutia sobre a experiência que se fazia, sobre a nossa busca pela verdade, pelo que desejávamos.

Até aquele momento da vida, eu tinha encontrado principalmente adultos pelos quais me sentia “descascado” como uma maçã: “Você é bom, inteligente... mas vamos tirar a casca – ou seja, a parte irracional – assim você fica mais bonito, todo polpudo...”. Porém, pela primeira vez na vida, encontrei alguém que não me descascou, que entendeu que a parte mais verdadeira de mim era a casca, a parte fraca, a parte das poças, a parte dessa pergunta do Pedro Pedreiro, confusa mas autêntica. Pela primeira vez encontrei alguém que me tomou assim, que entendeu que esta inquietude expressava um desejo profundo, verdadeiro.

⁵⁵ C. Chieffo, “La notte che ho visto le stelle”. In: *Canti*, op. cit., p. 236-237.

Então, pensem no que vocês mais gostariam de mudar em vocês: na verdade não é algo para eliminar, mas é antes de tudo expressão de algo profundo que vocês ainda devem descobrir. É sinal do fato de que não podemos “entrar nos eixos”, que é normal não se encaixar. Não há esquema em que possamos entrar. Antigamente o esquema era: um bom casamento, uma posição, trabalho no banco... Que certamente não são coisas negativas por si só, mas não podem ser o suficiente. O que vocês têm em si, essa inquietude estranha, essa pergunta: esta companhia levou a sério tudo isso. Dom Giussani entendeu o que eu tinha em mim. E graças a isto pude recomeçar.

Mas como o Senhor constrói, não bastou tê-lo experimentado uma vez. Terminei a faculdade nesta companhia, nota máxima em Economia, e a perspectiva de ficar na universidade. E aí aconteceu a primeira provação grave da minha vida: uma pessoa muito querida ficou doente de depressão profunda. Pensem num rapaz de dezenove anos que fica o dia todo em casa com as cortinas fechadas sem fazer nada por um ano, sem perspectivas, não conseguindo viver. Eu não conseguia aguentar isso.

Eu me perguntava que sentido tinha toda aquela dor. E mesmo que o mundo estivesse bem, que eu estivesse bem, com aquela pessoa assim, para que servia a vida? Pela primeira vez experimentei a tristeza de que fala Chieffo, aquela de “mil séculos”: a impossibilidade de viver. Ainda não tinha tido pensamentos particulares sobre a vocação: não tinha namorada, mas nunca tinha nem pensado na virgindade. Depois daquela experiência, veio uma intuição que fui confrontar com Dom Giussani: “Se estas coisas acontecem, se um rapaz jovem deve viver um sofrimento assim, são dois os casos: ou tudo é absurdo, mesmo tudo o que encontrei de belo, ou a única coisa é juntar-se com Aquele que faz tudo. Porque Ele, na vida, tem de me dar razão daquilo que acontece”. Eu lhe dizia: “Talvez o meu caminho seja o dos *Memores Domini*, de uma virgindade de leigo no mundo”. Giussani me disse que era uma boa razão para verificar esse caminho. E assim, como desafio a Deus, nasceu a minha vocação à virgindade, como pedido para que me fosse dada a razão de tudo o que existe na realidade, não só da parte bonita, correspondente: “Em vez de travar uma guerra, junto-me a ti, mas quero entender”. E ali nasceu esta vocação que depois foi para a frente nos *Memores Domini*.

Digo só mais uma coisa sobre este ponto: a minha vida foi uma história de encontros contínuos com alguém que, como Dom Giussani, ressaltou a presença desta desproporção entre o que se deseja e o que vivemos. Ou seja, diante de perguntas, até dilacerantes, em vez de me dar explicações teóricas sobre os fatos e sobre o mundo, Deus me fez encontrar pessoas. E para mim toda pessoa é única, é irrepetível, tem o seu fascínio. Porque na vocação cristã todos contam. Como o mendigo da música *El portava i scarp del tennis*:⁵⁶ parecia ninguém, mas não para Enzo Jannacci, que a cantava. Dou só dois exemplos do que significou um modo diferente de viver a relação com as pessoas. Um diz respeito ao próprio Jannacci. Depois do Meeting de 2009, depois que falou da carícia do Nazareno em relação à morte de Eluana Englaro – um caso que chocou a Itália –, com ele nasceu uma grande amizade. E justamente duas coisas de que falei nos uniam. Quando veio a Portofranco, Albertino lhe perguntou: “O que você deseja a estes jovens?”, “Desejo toda a felicidade que o Nazareno prometeu com a carícia, e a ferida. A carícia, dada aquele dia àquela pessoa,

⁵⁶ *El portava i scarp del tennis*, letra e música de Enzo Jannacci (1964).

pobre”.⁵⁷ Cada uma destas amizades que vivi na vida foi a partilha da ferida, a necessidade de impossível que nos constitui, e a carícia, o sinal do Senhor que diz: “Não tenha medo dessa ferida, caminhamos juntos”.

O segundo exemplo diz respeito à relação com as mulheres. Poderia parecer estranho para alguém que vive a vocação da virgindade, mas isto é um aspecto que me permitiu experimentar o que é a profundidade de um relacionamento: não é possuir, mas apaixonar-se pela vida do outro, pelo fato de que o outro se realize. Em *É possível viver assim?*, Dom Giussani fala da relação entre Madalena e Jesus e pergunta: quem mais possuía a Madalena eram todos os amantes que ela tinha tido ou Jesus quando olhava para ela? Ama-se uma mulher mais profundamente olhando-a a um metro de distância do que com o sexo. Gostaria muito que todos chegassem a experimentar isto, porque é mais verdadeiro, é infinitamente mais profundo e satisfatório.

Eu poderia prosseguir, mas quero dizer que a minha vida desde então foi de uma fecundidade afetiva impressionante.

Antes de passar a outro assunto, digo mais isto: que há uma fecundidade na vida, uma afeição, uma diversidade de gosto, que nasce da tristeza, de dar importância à ferida, de olhar-se pelo destino, que é como a tristeza dos apóstolos com Jesus. E eu estou vivendo isso. De fato, deste ponto de vista, não me parece que tenha sessenta e um anos, parece-me que tenho vinte.

Agora quero comentar a outra parte da frase de Carrón que citei, a que diz: “Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que pode alcançar a minha vida. Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é ‘um ponto de chegada possível somente para quem leva a sério a vida’, sem excluir nada: ‘amor, estudo, política, dinheiro, até a comida e o repouso, sem nada esquecer – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência’. A razão desta audácia é a firme certeza [...] de que ‘dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino’”.⁵⁸ A riqueza da minha vida, à qual me referi antes, não é ser uma boa pessoa, mas implica o que Carrón disse nesta frase. Como disse o Papa em Monza, falando do anúncio do Anjo a Nossa Senhora, esse encontro coloca o impossível dentro da vida. Procurar Jesus não quer dizer esperar que aconteça algo sem fazer nada. E Ele não acontece em virtude de algo que se faz. Existir o impossível na realidade significa que eu posso continuar a procurá-lo, sem nunca perder a força de esperá-lo e assim reconhecer os sinais inconfundíveis da Sua presença onde ocorrerem. O fato de Jesus estar presente significa que posso nunca abandonar a vida, em qualquer condição.

Explico-lhes este ponto falando do meu trabalho. Muitos me vêm pedir sugestões sobre que trabalho fazer e me dizem justamente o que desejam. Pois bem, que se possa sempre ir para frente, que a vida não trai porque Jesus está presente, isto eu vi também pelo fato de que errei completamente na escolha do trabalho: queria ser historiador, virei estatístico. Por quê? Eu gostava de História, mas meu pai afirmava que estudar História não me garantiria um futuro. Passamos o verão após a formatura discutindo violentamente. No começo de setembro eu ainda não tinha decidido o que fazer. Lembro que uma tarde peguei a bicicleta (meio que ainda agora uso, porque não tenho carta), cheguei à Praça Piemonte, entrei numa cabine telefônica (que talvez vocês nem saibam o que seja...), inseri a ficha (idem) e chamei meu professor do colegial: “Olha, aqui está uma confusão, não sei que faculdade escolher”. Ele me sugeriu inscrever-me em Economia, porque na

⁵⁷ E. Jannacci, “La ferita che ho nel cuore”, entrevista a Paolo Perego. *Tracce-Litterae communionis*, jan. 2012, p. 88.

⁵⁸ Ver aqui, p. 2.

ementa desse curso há muita História. E eu, que não estava interessado em economia e o único jornal cor-de-rosa que concebia era *A gazeta esportiva*, com certeza não *O sol 24 horas*, depois de vinte minutos estava na Universidade Católica para me inscrever em Economia. Também graças aos amigos do Movimento que tinha encontrado, comecei a gostar daquilo que estava estudando e, melhor ainda, a me apaixonar, a ter perguntas – por exemplo a respeito da relação entre a economia, o trabalho e a vida das pessoas. Depois da formatura, abriu-se a oportunidade de prosseguir os estudos no exterior, mas renunciei por causa de um problema familiar. Naquele momento, Dom Giussani me sugeriu que eu tentasse prosseguir os estudos numa universidade em Milão, mas naquele momento parecia que não havia vagas disponíveis. Num encontro com alguns adultos, o assunto veio à tona, cada um dava uma sugestão. Num determinado instante, um professor disse que tinham aberto uma vaga na faculdade de Estatística.

Encontrei-me de novo numa situação limítrofe: ocupar-me de estatística quando não tinha um grande feeling com a matemática, que tinha deixado como última matéria para me formar na escola.

Tive de passar a lidar com livros em inglês, cheios de fórmulas escritas com letras gregas. Por muito tempo me repugnava o que eu tinha de estudar, sentia que não tinha nada a ver comigo. Parecia que eu ia morrer: lá fora estava o sol e eu tinha na minha frente aquela coisa.

Digo logo que considero o milagre da minha vida o fato de que agora amo o trabalho que faço.

O que demonstra que diante do impossível é possível recomeçar. Como escrever Manzoni a propósito da monja de Monza: aceitar uma condição mesmo sem a ter escolhido, mesmo se for fruto de um erro, pode tornar-se o primeiro passo para uma virada.

O momento crucial deste passo foi quando, num certo momento, Giussani me disse que, ainda que não fosse certo que eu conseguiria (naquele momento o estudo era muito difícil para mim), se eu oferecesse o meu estudo ao Senhor, que está ali presente, o que eu estava fazendo poderia se tornar interessante. E este é o ponto de virada que põe em comum o trabalho de todos os tempos, para todos os que creem. Quem foi trabalhar nas minas, ou quem é imigrante, com certeza não vivia uma situação melhor do que a minha. Eu posso imitar o Senhor aceitando a condição em que estou. Podemos fazer o que fazemos, qualquer que seja a coisa, contigo, Senhor, porque estás aqui comigo. Esta novidade da oferta começou a deixar as fórmulas menos hostis para mim. Pouco tempo depois, encontrei um professor interessante e comecei a ficar apaixonado por aquilo com que estávamos trabalhando juntos.

E lhes digo agora como aconteceu: comecei a perceber que aquelas fórmulas explicavam um pedaço da realidade, que, então, tinham misteriosamente a ver com um pedaço da verdade. Resolver um teorema era como chegar a alguém que estava me esperando no fundo da fórmula, e aquilo com que eu estava me ocupando não era a busca pelo nada. Vejam que isto diz respeito a todo tipo de estudo, porque – pensem – é possível comunicar coisas lindíssimas numa língua estrangeira sem estudar a gramática? É possível aprender caratê sem “encere à direita, encere à esquerda”, como se vê no filme *Karatê Kid*? É preciso aprender a entrar na realidade, mesmo aquela que parece hostil, mas que tem sempre uma fresta, e há alguém que te espera.

Assim, pouco a pouco, nasceu em mim o fascínio pela pesquisa, apaixonei-me por essa matéria que

parecia o contrário de mim. E continuei um “humanista”; com efeito, no tempo livre leio muito desse gênero. Se eu consegui vencer erros e medos, vocês também podem conseguir. Todos têm medo de errar, eu errei e estou feliz... Imaginem! Alguém que não erra poderia não estar mais feliz do que eu.

Mas este prazer precisa de outra coisa. Porque, depois da beleza da descoberta do que nos corresponde, é preciso dobrar-se à realidade. Para mim, que sou bagunçado, ter de me tornar uma pessoa precisa, por exemplo (porque se você erra uma vírgula estraga toda a demonstração), não foi fácil. Lembro como se fosse hoje o meu primeiro trabalho: tinha de calcular o fluxo de pessoas na província de Bérgamo. Construí meu belo algoritmo estatístico, fiquei todo feliz, e fui falar com o professor. Ele olhou e depois me disse: “Bom esse trabalho, mas em Calolziocorte (LC) há tantos hotéis?”. “Por quê?”, digo. “Porque, pelos seus dados, entram cem de manhã e saem trinta à noite, então setenta ficam lá para dormir”. Eu tinha construído o meu modelo estatístico e estava satisfeito. Pena que não tinha feito as contas para conferir. Naquele momento, pela primeira vez entendi que, assim como uma mãe que ama seu filho também deve limpar seu bumbum, é preciso debruçar-se sobre os diversos aspectos da realidade. Quando se repetem os verbos gregos, as desinências, quando se estuda inglês... é preciso enfrentar a chatice porque, evidentemente, o fascínio não é suficiente para nos mudar. E também este aspecto que no começo era chato se tornou um prazer, a beleza de favorecer e amar a realidade tal como é, de não fazer apenas as coisas fascinantes do trabalho. O que os pagãos faziam? Só se ocupavam do trabalho intelectual e deixavam o trabalho manual aos escravos. Depois Jesus chegou, trabalhou como carpinteiro e disse que tudo é bem, e daquele momento em diante todos os trabalhos se tornaram dignos, ou seja, podem ser nossos, não vividos contra nós mesmos.

Quantos erros são feitos e sempre temos medo! No meu trabalho, acontece que podemos trabalhar até um ano num artigo, e a revista à qual está destinado pode recusá-lo, ou então marcar o que está errado. Lembro que fui a um convênio para apresentar um artigo que foi criticado. Voltei para falar com meu professor e lhe disse que na verdade eu não tinha errado e – como o italiano médio faz – que o árbitro estava vendido. Ele respondeu que, ao contrário, quem tinha me criticado tinha razão e me sugeriu ir pedir explicações, porque só assim eu aprenderia. A humilhação de errar, de tirar quatro, de perceber que não sabemos, de ter de recomeçar admitindo o fracasso. Até isto no tempo se tornou interessante. Porque perceber um erro se torna uma ocasião preciosa para evoluir, para mudar.

Agora eu gosto desse trabalho, mesmo não sendo aquele ao qual eu estava mais predisposto, mas se tornou meu. No começo da minha carreira universitária, eu tinha outra objeção: que não teria tempo para me ocupar com outra coisa além do que a profissão universitária me pedia. Contudo aconteceu o contrário. Ocupei-me com uma associação de empresas, a Companhia das Obras, e de muitas obras sociais, como a Avsi e o Banco de Alimentos, e obras culturais, como o Meeting. Uma experiência cristã nos torna curiosos e desejosos de entender o contexto em que estamos. Penso na ocasião que tive com o Meeting para encontrar muitas pessoas, algumas entre as mais importantes da cena pública italiana. Não o fizemos pelo prazer do prestígio ou do poder, mas justamente pelo desejo de conhecer, de verificar a nossa experiência e compará-la com a dos outros.

Agora quero falar da última parte, do lado negro da força. Assim como em *Star Wars*, também há o lado

negro que é a queda do desejo, e acontece também numa vida tão plena e satisfatória como acho que seja a minha. Sobre isto, leio um trecho do Papa Francisco: “Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a atmosfera do sepulcro”.⁵⁹ Bem, comigo acontece de viver a atmosfera do sepulcro. E para introduzir esta última parte, peço que cantem outro canto de Jannacci, *L'uomo a metà*.⁶⁰

L'uomo a metà

Que quer dizer que “a vida se ajusta, mas não estaremos lá”? Que na minha vida, esta vida tão rica, posso não me dar conta nem sequer da guerra que há. Falo disso porque assim vocês entendem que, se eu consigo, todos podem conseguir.

O lado negro aparece das formas mais disparatadas. Penso no quanto determinam o meu humor determinados eventos esportivos, como por exemplo o desempenho do meu jogador preferido, Antonio Cassano; no quanto sou suscetível às críticas (uma vez Dom Giussani me disse: ou você é diabólico ou paranoico, escolha. E eu: paranoico); no quanto posso estar ausente ou entediado; em quantas vezes não assumi a responsabilidade das minhas escolhas (penso no trabalho, porque antes de aceitar o meu caminho, por um longo tempo pus a culpa daquela escolha em Giussani). Quantas vezes fiquei bravo com o mundo pelas coisas que não funcionam, pelos projetos que não têm sucesso. E quantas vezes, como no canto *Il monologo di Giuda*⁶¹ [O monólogo de Judas], pensei: mas o reino não chega. Lembro-me de uma vez em que estive em Nova York para encontrar a nossa comunidade. Estava atravessando o Bronx e pensei: deveria dar para ver a fé, deveria mudar o mundo, mas nós aqui somos quatro gatos pingados e também briguentos. Seria esta a salvação do mundo? Eu não duvidava de que Deus e Jesus existiam, mas como você pode dizer que Jesus vence diante de todos esses limites?

E depois todo o mal. Quando me confesso eu faço a lista. O problema é que a lista é sempre a mesma. Toda vez eu digo a mim mesmo: caramba, como aquelas da vez passada...

Para não falar da dor inocente: diante das tragédias, dos mortos na guerra, dos soldados desconhecidos, dos terremotos. Há um trecho de Dostoiévski, n' *Os irmãos Karamázov*, em que Ivan fala de uma criança esfaqueada pelos cães por causa da maldade do patrão, e diz: “Ouve: se todos devem sofrer para com seu sofrimento comprar a harmonia eterna, o que as crianças têm a ver com isso, podes fazer o favor de me dizer? É absolutamente incompreensível por que elas também teriam de sofrer e por que comprar essa harmonia com seus sofrimentos! [...] Enquanto houver tempo eu me apressarei a me proteger, porque recuso a harmonia eterna. [...] E se os sofrimentos das crianças vierem a completar aquela soma de sofrimentos que é necessária para comprar a verdade, afirmo de antemão que toda a verdade não vale esse preço”.⁶²

⁵⁹ Francisco, *Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017.

⁶⁰ *L'uomo a metà*, letra e música de Enzo e Paolo Jannacci, do álbum *L'uomo a metà* (Ala Bianca, 2003).

⁶¹ C. Chieffo, “Il monologo di Giuda”. In: *Canti*, op. cit., p. 230-231.

⁶² F. M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008. Vol. 1, p. 338-340.

Penso em quantos motivos tenho na vida para estar feliz, porém quantas coisas tornam a vida escura, apesar do Movimento, apesar do Grupo Adulto, apesar de Jesus, apesar de tudo. Nunca me droguei, mas entendo a necessidade de esquecer toda essa dor, porque às vezes é lancinante demais. E se somos inteligentes o suficiente para não consumirmos as drogas verdadeiras que acarretam danos graves, podemos sempre nos drogar de amigos, de coisas para fazer...

Sobre isto, em determinado momento, houve um salto na minha experiência. Um dia tentei não resistir à dor, à solidão, ao mal, à ferida. Não me opus ao senso de vazio, à voragem que tudo isso causava em mim. E disse: quero ver aonde me leva essa dor, não quero dar respostas coladas por cima, quero sentir onde vai acabar, porque não posso viver como Dr. Jekyll e Mr. Hyde, bonito em público e no privado com a voragem. E comecei a perceber que no fundo desta escuridão, como diz *O meu rosto*,⁶³ a linda canção de Adriana Mascagni, há algo, um outro que está em mim e que não me deixa sentir sozinho. Porque o homem é feito para a felicidade. E se você chega ao fundo da escuridão a voz renasce (para citar outra canção dela, *Povera voce*). No fundo da escuridão, diminuíram todas as coisas que me entravavam, e a luz renasceu. No fundo da escuridão, uma vez que fomos feitos para a felicidade, não podemos suportar a escuridão, mas não devemos ser burgueses na escuridão, não devemos nos deter à metade da escuridão, porque a droga é parar à metade da escuridão. Você não deve negar que haja a escuridão. Então, a única coisa que você pode fazer é colocar-se de joelhos. Como aquela vez que morreu inesperadamente a mulher de Giancarlo, um querido amigo meu. Eu não sabia o que fazer. Então, à noite, pedi que me levassem até Caravaggio, que naturalmente estava fechado, e caminhei por uma hora em torno do santuário. Naquele momento a minha vida era só o pedido. Quando você está no fundo da escuridão, renasce em você a pobre voz, renasce uma luz, renasce a pergunta por um significado, mais verdadeira do que em qualquer outro momento. Naquele momento há somente a vontade do verdadeiro “eu”, “a tristeza que há em mim”. “Fique mais tempo aqui”.⁶⁴ Renasce aquele canto, justamente porque a escuridão levou embora o que te assegurava todos os dias, mas não pôde anular aquele fluxo de vida que você tem dentro de si. A vida renasce se você aceita que está sozinho, até o fundo, com esta pergunta que é a de todos os homens, a de todos os que não encontraram Cristo e também a dos que o encontraram, a pergunta das pessoas que se drogam, a dos pobres, a de quem está sem esperança, a sua mesma.

Eu sou cristão, mas não cheguei, vivo com esta escuridão. Mas descobrir essa pergunta me faz recomeçar. E acontece o que Pirandello narrou maravilhosamente num conto seu, *Ciàula descobre a lua*, que fala de um rapaz que trabalha numa mina de enxofre, um coitado que não tem nada e trabalha o dia todo como um animal, indo para lá e para cá nos túneis de uma mina empurrando os carrinhos com enxofre. Deixem-me ler algumas linhas. Enquanto à noite Ciàula está levando para as profundezas da escuridão o carrinho de enxofre, percebe algo. “Percebeu-o somente quando estava nos últimos degraus. Primeiro, por mais que lhe parecesse estranho, pensou que fossem as últimas luzes do dia. Mas a claridade aumentava, aumentava cada vez mais, como se o sol, que ele vira pôr-se, tivesse nascido de novo. Possível? Ficou – assim que chegou ao ar livre – boquiaberto. O peso caiu-lhe das costas. Levantou um pouco os braços; abriu as mãos escuras

⁶³ A. Mascagni, “O meu rosto”. In: *Canti*, op. cit., p. 196.

⁶⁴ C. Chieffo, “Ballata dell’uomo vecchio”. In: *Canti*, op. cit., p. 218.

naquela claridade prateada. Grande, plácida, como num afresco, luminoso oceano de silêncio, deparava-se-lhe a lua. Sim, ele sabia, sabia o que era; mas como tantas coisas se sabem, às quais nunca se deu importância. E que podia importar a Ciàula haver no céu a Lua? Agora, só agora, ao ar livre, à noite, saindo do ventre da terra, ele a descobria. Estático, caiu sentado em sua carga, na frente do buraco. Ei-la, ei-la, ei-la ali, a Lua... A Lua existia! A Lua! E Ciàula pôs-se a chorar, sem o saber, sem o querer, pelo grande conforto, pela grande doçura que sentia, ao tê-la descoberto, lá, enquanto ela subia pelo céu, a Lua, com seu amplo véu de luz, inconsciente dos montes, das planícies, dos vales que iluminava, inconsciente dele, que por ela já não sentia medo nem se sentia cansado, na noite agora cheia do seu encanto”.⁶⁵

Quando uma pessoa tem uma ferida e a olha até o fundo, se dá conta da beleza, se dá conta da luz, como Ciàula. E o que foi a lua na minha vida? Eu percebi num certo ponto do caminho, como aquele de Dante no Inferno, que Carrón, por exemplo, era feliz, e que a presença de Jesus na sua vida era um fato concreto. Quando o filho de um amigo nosso morreu num acidente de carro, Carrón lhe disse: “Ele foi levado por Cristo. Cristo o quis consigo realizando seu destino”. Então recomecei a seguir essa aventura de fé com uma profundidade maior; comecei a ver com o canto dos olhos a estranheza de quem via a beleza, mesmo na consciência do mal, do limite; comecei a ver que o cristianismo era mais profundo do que eu pensava, porque havia quem pudesse atravessar qualquer circunstância e continuar a ver a lua.

Assim comecei a ver que a vida da Igreja sempre foi assim: em todas as épocas, perante os momentos mais trágicos estiveram presentes os santos. Como os do segundo e do terceiro século que, diante das pestilências, enquanto o médico pagão Gallieno fugiu, ficaram para cuidar dos doentes e muitas vezes morriam com eles. São Cipriano dizia: “Cristãos, tendes medo? Será que não podeis dar a vida?”. E esta foi uma fonte de grande conversão. E depois, pensem, São Pedro Claver, que passou a sua vida nos navios com os escravos que partiam acorrentados da África, para lhes dar um conforto. São Vicente, que inventou as formas modernas da caridade com os pobres mais pobres. São Camilo, que era um fracassado, ex-soldado, gostava do jogo, estando no hospital de cuidados paliativos em Roma com uma perna gangrenada, começou a ocupar-se dos doentes e inventou o hospital moderno. São João de Deus, que começou a cuidar dos loucos abandonados por todos. E Santa Francesca Cabrini, que se dedicou aos imigrantes nos Estados Unidos, como os que chegam em barcos hoje no Mediterrâneo. E São João Bosco, que cuidou dos meninos de rua. Dom Gnocchi, que acompanhou os soldados alpinos no combate na Rússia. E depois Madre Teresa, Dom Oriane, que quando houve o terremoto de Messina com cento e vinte mil mortos ficou por três anos para ajudar a população que não tinha mais nada. Quando há o mal, vê-se essa vida que renasce.

Mas eu vi isto sobretudo em quem, doente ou em alguma dificuldade da vida, mostra esperança. Dou um exemplo: minha mãe. Minha mãe morreu em 2005, depois de oito anos de doença. Ela também tinha encontrado o Movimento. Quando ficou doente, pediu-me que perguntasse a Dom Giussani para quem poderia oferecer a sua doença. Dom Giussani respondeu logo: “Diga a ela para oferecer tudo pelos *Memores Domini*”. E assim ela fez. Quatro dias antes de morrer, quis festejar os cinquenta anos de casamento na mesma igreja em que tinha se casado, a mesma igreja onde quatro dias depois celebraríamos o seu funeral.

⁶⁵ L. Pirandello, *Novelle per un anno*. I Meridiani vol. II. Milano: Arnoldo Mondadori, 1985.

Resistiu porque queria festejar, agradecer ao Senhor a vida que lhe tinha dado. O padre me disse que ela lhe tinha contado que, quando se casou, estava muito emocionada com o presságio de que naquele dia começaria uma grande e rica experiência de vida. Durante a festa pelos cinquenta anos, quase não aguentava ficar em pé, mas quis agradecer o Senhor, porque tinha acontecido justamente aquele presságio do dia do casamento, mesmo com todas as dificuldades da vida. Foi uma mulher cheia de vida até o fim, e no dia em que foi internada no hospital, saindo de casa deixou o testamento espiritual à família: “Olhem só, cuidem das flores e do cachorro”. Somos uma família toda um pouco materilista! O padre, na homilia, contou que ela costumava dizer-lhe: “O tumor é pesado, mas eu ofereço. E isto o torna positivo para mim”. Eu vi na minha mãe, até o fim, um hino à vida, o milagre que a aceitação da escuridão traz, o milagre da vida que vence. Como aquele outro amigo, também ele doente. Enquanto estava internado, trabalhava com compasso e madeira, e dois dias antes de morrer me deu uma obra dele que ainda tenho na minha escrivaninha. É um “tu” feito de madeira. Queria me dizer que só aquilo contava. Este é o milagre da minha vida: que a escuridão que eu provo se abre sempre em algo diferente. Há algum tempo, durante uma audiência, o Papa foi parado por um garoto do ginásio que lhe disse: “Tenho um amigo que está com câncer”. E acrescentou: “Por que Deus pede uma coisa assim a um garoto da minha idade?”. “Há perguntas às quais nem eu posso responder. É uma coisa misteriosa”, respondeu o Papa. “O que me ajuda é olhar para Deus na Cruz”. “Por que é misterioso?”, o garoto insistiu, paralisando com a sua pergunta o Papa, que estava para se afastar. Francisco parou e respondeu pondo um dedo na cabeça: “Nunca vou entender com a cabeça. Você tem de olhar para Jesus na Cruz”.⁶⁶ “Tu, raiz nua arrancada”.⁶⁷ Somos nós que dizemos qual é o coração da vida que pode dar esperança e toda a fecundidade? Não. O coração diz que no fundo da escuridão está a luz. Como o ladrão da esquerda, depois de uma vida provavelmente terrível, no fim, na cruz, encontra uma presença com a qual dialogar. Desejo que a vida de vocês também possa consistir num diálogo contínuo com Cristo.

Pigi Banna. Poderíamos ficar aqui “raciocinando com a cabeça”, como diria o Papa, complicando a vida e reduzindo o que preencheu o nosso coração nestes dias a um racionínio. Porém, colocar o coração diante da vida de um amigo, como foi escutar este testemunho, mostrou-nos que não há nenhuma escuridão que, atravessada até o fundo (ou seja, não parando na droga que quer eliminar o sabor amargo), não permita ver uma luz no fundo, uma luz que muitos de vocês, como dizia Albertino, já testemunham só com a sua atenção. Do fundo da escuridão se entrevê uma luz, capaz de preencher o coração, de abraçar “a maçã toda com a casca” e de não censurar nada de nós. Esta é a experiência da ressurreição.

Os Evangelhos não poupam nada: estavam tristes, desiludidos e vão até o fundo da desilusão de tê-lo visto morrer. “Algumas mulheres dizem que ressurgiu. Mas nós não acreditamos nas mulheres”. Mas encontramos alguém, indo até o fundo da desilusão, que é capaz – como eles dizem – de fazer o coração deles arder, de abraçá-los com a casca toda, tanto que lhe dizem: “Fique aqui. Não vá embora”. Há encontros que acontecem na vida, nos quais se aproxima de nós um rosto conhecido, podemos até descrever todos os defeitos, mas em determinado momento percebemos que há um outro rosto, uma outra face que dá as caras

⁶⁶ Cf. G. Vittadini, “Il venerdì santo, la vittoria degli sconfitti”, *ilsussidiario.net*, 14 de abril de 2017.

⁶⁷ “Tu, nuda radice divelta”, hino das Vésperas de Sexta-feira. In: *Il libro delle ore*. Milano: Jaca Book, 2006, p. 178-179.

por trás daquela presença. Há um sinal pelo qual percebemos isso: o coração arde; como aconteceu com aqueles discípulos de Jesus. Este é o grande sinal da verdade, da realidade, da contemporaneidade, da ressurreição de Cristo: o arder do coração, uma correspondência inédita.

O problema não é que tenhamos entendido tudo; ainda bem, porque nunca deixaremos de entender e de nos surpreender. Não resolvemos a nossa vida. O tédio continua, mas já não queremos nos separar de alguém que redespertou o nosso coração. Esta é a ressurreição: que encontremos alguém assim.

Por isso, fiquemos em pé e cantemos *Cristo resusciti*, que merecia um sete e meio, mas na palavra “Cristo”, na palavra “resusciti”, você devem fazer despontar todo o grito a alguém que os tomou com a casca toda, no meio da escuridão. Não é o *Cristo resusciti* de um coro de vozes brancas, é o Cristo do malfeitor que está na cruz e entra no Paraíso com Jesus. Em pé.

Cristo resusciti

Queria agradecê-los por como participaram destes dias e fazer-lhes um voto para a Páscoa, falando da cidade em que vivo, Roma, ainda que não seja a minha cidade de origem. O ponto mais alto de Roma é o Monte Mario (é chamado monte, mas só tem 135 metros de altura) e de lá se vê Roma inteira. É um espetáculo incrível. Então o que é a Páscoa? É como se o pai de vocês os levasse um dia, um sábado à tarde, de repente (vocês nunca esperariam) ao Monte Mario (naturalmente, no exemplo vocês são romanos) e você diz: “Olha, ali está a nossa casa, hoje dá para ver perfeitamente”, e ele continua: “Mas você está vendo também as casas ao lado? O quarteirão todo? Dez casas?”, “Sim, sim, claro, se já vejo a nossa casa”. Naquele momento, o seu pai lhe diz: “Hoje, porque você já tem dezesseis anos, posso dizer. Nós somos os donos do quarteirão todo”. “Ah!”. E continua: “Tudo isso será seu amanhã!”. E você pensa: “Tenho a vida resolvida!”. Então volta para casa e, caminhando em silêncio pelo quarteirão, pensa: “Esta é a minha casa”. Vê um papel no chão e diz: “Que falta de educação!” e o pega. Está para jogar fora o cigarro e diz: “Não, espere, ali há um lixo”. Depois vê uma janela quebrada, conta ao seu pai e se oferece para consertá-la. Para quem faz a experiência da ressurreição, está prometido viver a realidade toda desta forma.

Eu estou feliz por terminarem estes dias do Tríduo, porque são para nós como o Monte Mario. Depois de ter visto Vittadini, depois de ter escutado tantos testemunhos, é como se lhes fosse dito: “Vejam que tudo é seu!”. Tudo lhes pertence. Tudo é de Cristo, e Cristo é de Deus.⁶⁸ Dá vontade de reencontrar o colega de classe que é chato, de reencontrar a professora que é muito simpática porque ensina matemática; escutem uma notícia e digam: “Isto é meu”. “Ah, mas aquela pessoa não me suporta, é complicado estar na mesma sala com aquele colega”: isto também é seu. É só uma questão de tempo descobrir como Cristo vai encontrar o caminho para conquistar o coração dele. Mas nós devemos fazer uma só coisa: ir, ir ao encontro e pedir a Cristo que nos faça ver como ele vence ali.

Esta é a comoção de quem, como diz o Papa, vai ao encontro de toda a realidade, não levando Jesus, mas procurando-o, e descobre como ele vem ao seu encontro dos lugares mais inesperados. Esta é a força da

⁶⁸ Cf. 1Cor 3,22.

ressurreição. Para ver como ele possui cada coisa. Começamos a olhar, em meio a um mundo que realmente tem muitos problemas, até a folha amarela (como diz Giussani),⁶⁹ reconhecemos o pouquinho de verdade que está nas mãos de cada um, chegamos até a convidar o professor de matemática para o Movimento, mas não para fazer número, mas porque quero descobrir aquela verdade que há na sua vida.

Esta sala é o nosso Monte Mario, onde Cristo nos está dizendo: “Vê o que eu te fiz ver nestes dias? Esta é a sua vida. Esta é a sua realidade. Vá e bata à porta até dos mais indiferentes”, como fizeram os nossos amigos de Rímíni, que já com a idade deles foram ajudar as vítimas do terremoto, e não porque eram bons, mas para descobrir como Cristo estava presente lá. Como fez o nosso amigo que via uma escola cheia de drogados e era representante da instituição, convidou os amigos da cooperativa “O imprevisto” e lá todos ficaram atentos, e no da seguinte, milagrosamente (um verdadeiro milagre!) no beco onde fumavam maconha ninguém estava fumando. Então ele, tendo de escolher entre o Tríduo e o passeio da escola, foi falar com o vice-diretor e lhe disse: “Não, eu tenho que ir ao Tríduo porque, se sou assim, é por causa do Tríduo”, e o vice-diretor lhe disse: “Mas, pelo bem que você é para esta escola, você deve vir ao passeio. Nós pagamos para você”. E como ele respondeu? Cheio de gratidão vai ao passeio graças a uma arrecadação dos professores e convida o vice-diretor para o Tríduo. Já não temos nada que temer. A realidade toda, até a nossa miséria, é para nós porque há Alguém que vence.

Voltamos para casa com o coração ardendo e com muita vontade de ir, porque até nos sepulcros mais fechados Cristo está batendo e chamando para sair. Com o coração ardendo e a vontade de ir, nos despedimos cantando o *Regina Coeli*, que é a oração da Igreja durante todo o tempo da ressurreição.

Regina Coeli

⁶⁹ Cf. “*Nunca vimos coisa igual!*”, op. cit., p. 73.